



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive."

Padre Antônio Vieira

Literatura



Eugênio de Castro
O Anel de Polícrates



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

O Anel de Polícrates
Eugênio de Castro

Adaptação ortográfica e projeto gráfico
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1907.

Livro Digital nº 1098 (Gratuito) - 1ª Edição - São Paulo, 2020.

Poesia - Literatura Portuguesa.

Eugênio de Castro e Almeida
(1869-1944)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

A ARTE E O PESSIMISMO DE EUGÊNIO DE CASTRO

Dada uma tal forma e natureza de espírito, nada mais consequente do que afirmar-se Eugênio de Castro, realmente, como o criador de Beleza que indicamos — criador de Beleza no sentido de síntese eurrítmica, de decoração e sugestão pictural, de fluidez melódica e riqueza harmônica.

E neste artista, que é um consciente, a compreensão da arte conjuga-se intimamente com a maneira de ser. Por isto o presente texto não será mais do que outra face da mesma moeda onde tentei gravar-lhe a efígie.

Se ele vê e sente por imagens vivas, se é sob essa feição que as suas melhores energias psíquicas lhe veem desabrochar na consciência — pensamentos e sentimentos, próprios ou alheios, só o interessam também a valer quando vazados em formas belas e movidos em cadências copiosamente ondulantes. Essa faculdade criadora de Beleza explica a sua orientação estética, a direção da sua atividade artística — o seu idealismo e o seu simbolismo. Fundamenta e justifica o seu culto do *estilo*, tal como ele o concebe, de preferência à notação do caráter.

Veremos que, a par da sua orientação estética, nos explicará também, de unida que vai com esta, a sua noção de Vida.

Perante as manifestações do Pensamento e da Emoção, é, na verdade, o esteta que predomina em Eugênio de Castro. Um poeta que, como ele, ama e sabe amar a Beleza, erguendo-a num culto, não pode deixar de manifestar essa tendência e essa qualidade. Assim, reveste sempre de nobreza e prestígio, de interesse glorificante, ou de tocante graça as paixões que objetiva, os sentimentos que aditam

as almas dos seus personagens. O artista é que distingue para o homem.

Sim, até no gênero de poesia onde se fundem as fronteiras da Vida e as da Arte, onde a revelação pessoal põe um abalo de calor humano — até mesmo aí ele nos aparece, acima de tudo, como mil cultor da harmonia, como um criador de formas belas.

Nos próprios sonetos e outras poesias de caráter amoroso, se muitas vezes esbate longes de tristeza, se se envolve em conceitos de intenção magoada e pessimista, se acentua acordes bemolados de saudade — a emoção penosa parece vir logo suavizada pela virtude derivante do instinto e do senso artístico, que lhe transforma as lágrimas em pérolas. Os seus movimentos íntimos exteriorizam-se e continuam-se em ritmos que os coordenam e desafogam docemente, através modulações de balanço hipnotizante, e de curvas atenuadoras. É como se este poeta se desdobrasse em duas personalidades, das quais uma embalasse e amaciasse os cuidados da outra na melodia encantada dos versos admiráveis. É como se ele, para si próprio, fosse ao mesmo tempo Saul e Davi.

Se sofre, não nos deixa ver crispações violentas, não nos deixa ouvir gritos estrangulados, nem gemidos arquejantes. Assistiremos antes a cortejos de imagens melancólicas de onde apenas se erguem suspiros musicais, acompanhados de altitudes e gestos majestosamente ou graciosamente escandidos. Não fará da lamentação individual, da desvendada confissão das lástimas e das fraquezas próprias o fim ou o interesse capital da sua arte.

Dir-se-ia que erigiu em preceito o verso célebre de Alfred de Vigny — pelo menos em toda a extensão significativa das duas primeiras palavras:

Gémir, pleurer, prier est également lâche.

Na arte, como na vida, onde agora vamos encará-lo, domina-o sempre o pudor da sua exibição total, a par de um mal dissimulado e lógico desdém pelos inquietos e pelos plangentes. Quer isto dizer que este poeta seja de todo surdo e impenetrável à dor, e que nele

não vibre a corda da piedade? — A dor e o sofrimento humano são para ele, como poeta, apenas temas de Arte; e, em geral, nessa qualidade, têm valor igual ao de outros temas da mesma intensidade artística! "Em geral" — escrevi eu. Não sempre. E não é indiferente fazê-lo notar; pois a observação importa o reconhecimento de algum outro e novo aspecto. Pelo menos de uma modalidade nova, revelada no livro da fase mais recente. Digamos (desde já que essa modalidade não lhe contrariou as linhas fundamentais da sua estética, não obstante enriquecer-lhe e ampliar-lhe a significação moral da obra total. Digamos mais que esse livro não veio acusar uma transformação ou desvio importante da sua compreensão da vida, não obstante trazer-lhe à sua arte uma nota mais enternecida.

Vejamos então: qual é a sua noção compreensiva da Vida? É nesta altura que melhor cabe a pergunta. E a resposta a dar, por estranha que a princípio possa parecer é esta: a sua noção de Vida resume-se no *pessimismo*.

Resposta tão vaga, no entanto, que também agora careço de apertar-lhe o sentido!

O seu pessimismo não é o do estoico, cujo recolhimento em si próprio representa, a um tempo e conjugadamente, a reprovação das fraquezas humanas e o orgulho amargo do seu isolado valor moral.

O seu pessimismo não é o do místico — que desejaria, consumindo-se, consumir na mesma chama de fé toda a maldade do mundo, volatilizar a vida para que a sorvesse um hausto do céu. E, não sendo nenhum destes, não é também o dos que têm a explicação da visão verde-triste e da acidez da alma no vago e insondável inferno das suas sinestésias anormais. O seu pessimismo é cerebral e não visceral. Distingue-se dos dois primeiros pela natureza do seu objeto, e do terceiro pela origem orgânica.

O seu pessimismo é o pessimismo dum esteta. É, portanto, um novo reflexo da mesma natureza e forma de espírito que em tudo e

sempre se lhe reflete. Eugênio de Castro é pessimista, porque não acha o mundo, o mundo do homem de hoje harmoniosamente belo; porque o ferem, mais do que a outros, os aspectos desgraçados, os lados triviais e mesquinhos, os detalhes vulgares da existência atual, dentro desta civilização que bestializa as almas na luta crua dos interesses materiais, que esfaqueia e prostitui a natureza e as paisagens numa fúria bruta de industrialização. Porque é este o seu modo de ver, e não outro, é que ele é um esteta, no sentido em que tomo a palavra. E porque é essa a causa fundamental do seu pessimismo é que se explica, pelo lado da noção da vida, como se explicou pelo lado da forma do espírito, a sua atração para mundos longínquos, sobretudo distantes no tempo. É lá que se refugia, como um auto-exilado, sem rancor nem protesto, para erguer ou contemplar as belas criações em que lhe aparece uma outra Humanidade (no fundo a mesma), transfigurada pela ilusão da perspectiva, purificada pela graça da Arte. Como se vê, o seu pessimismo não lhe torna o espírito infecundo e sáfaro. E não seria difícil filiar o tédio de Sagramor exatamente na intemperança do Desejo. Se, em grande parte, a sua desilusão nasce da incompatibilidade atual entre a Arte e a Vida, tais como as concebe, a desilusão não o aniquila. Já vimos que se compensa com o refúgio na Arte. Mas a Arte e a Vida condicionam-se mutuamente, no fundo — a não ser que se trate de arte morta, de cópia de modelos, de exercício literário. Era, pois, natural que ele na Vida — visto que a exige bela — quisesse ver prolongada a Arte.

Como a prolonga para a Vida? Do melhor modo por que hoje, realmente, um espírito do seu feitio a podia prolongar: pelo desenvolvimento pessoal, pela integração, em si próprio, de quanto sejam elementos concordantes no sentido do seu aperfeiçoamento, E, como, hoje, nessa integração havia de entrar o elemento moral, explicam-se: no homem uma resgatadora e crescente beleza da afetividade superior — no artista a amorabilidade do seu poema mais recente. Se para os outros a Arte é uma função da Vida, para ele a Vida é uma função da Arte. E se esta fórmula revela, por um lado, uma concepção *socialmente* imperfeita, por outro lado, revelar

com efeito, em semelhante caso, um princípio de perfeição individual.

Tudo no mundo é instável. As profecias falham. Mas consola-me crer na persistência dessa aspiração.

MANUEL DA SILVA GAIO

Coimbra, 25 de fevereiro de 1902.

Pesquisa e adaptação ortográfica: Iba Mendes (2020).

O ANEL DE POLÍCRATES

POEMA DRAMÁTICO



A JÚLIO DE VILHENA
DO CONSELHO DE ESTADO
MINISTRO DE ESTADO HONORÁRIO
PAR DO REINO
SÓCIO DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS
ETC.



*Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam.*

Camões, Lusíadas.

Há de haver quinze anos, alguém me repetiu as palavras de simpatia com que o meu Amigo se referira, em conversa íntima, a trabalhos meus, palavras que duplamente me sensibilizaram, por elas próprias, e — sobretudo! — pela circunstância de procederem de um homem que eu não tinha a fortuna de conhecer ainda.

Tempos depois, encontrei-me consigo, inesperadamente, num banquete; e quando eu festejava a ideia de lhe ser apresentado daí a instantes, de novo o meu Amigo me surpreendeu e cativou com o brinde afetuosíssimo que então me dirigiu.

Desse dia para cá, tenho recebido do seu espírito e do seu coração tantas finesas e tantos incitamentos, que, às vezes, quando licenceio a minha Musa, levado a isso por imperiosos deveres profissionais e domésticos, logo me aflige o receio de decair da sua estima, receio

que mais negra torna a dor de ver em forçado pousio o modesto campo dos meus sonhos de arte.

Escrevendo esta obrinha, pensei a miúdo no que o meu Amigo viria a pensar dela. Dedicando-lha, nem por sombras tento pagar a minha grande dívida: apenas quero mostrar-lhe, na medida das escassas forças que Deus me deu, a imensa e comovida gratidão que lhe consagro.

EUGÊNIO DE CASTRO.



DRAMATIS PERSONAE

AGAMEDES DE ATENAS (jovem escultor)

ANACREONTE DE TEOS.

ÁRQUIAS (velho criado de Agamedes)

MELISSA (jovem ateniense)

CORO DAS SOMBRAS.

A cena é nos arredores de Samos, capital da ilha do mesmo nome. Olimpíada 60^a, 3 (A. C. 529).

PRIMEIRO ATO

Pequena casa de campo no alto de uma colina, entre vinhedos. À frente do singelo edifício, um pórtico de mármore, de ordem jônica. À direita, através de um bosquezinho de alfarrobeiras e ciprestes, branqueja, à distância, a cidade de Samos. Ouve-se perto o mar.

CENA ÚNICA

Agamedes, Anacreonte e Árquias. Este último atravessa a cena repetidas vezes, levando para casa grandes braçadas de lenha.

ANACREONTE

(Entrando pela direita e estacando defronte de Agamedes que passeia gravemente no peristilo)

Haja paz e alegria em casa de Agamedes!

AGAMEDES

Quem quer que sejas, tu, que aos altos Numes pedes
Tais graças para mim, sê bem-vindo mil vezes!
Se és um pastor, que Pari bafeje as tuas rezes;
Se em rústico sossego um campinho cultivas,
Que as Ninfas maternais o reguem d'águas vivas;
E se uma vinha tens, que o deus Baco anualmente
Na adega obscura e fresca as ânforas te aumente!

ANACREONTE

Não sou pastor, nem lavrador, nem vinhateiro:
A carne tenra e a lã do plácido carneiro,
Frutas, legumes, pão e os vinhos delicados,
Por distantes avós há muito envasilhados,
Tudo isso, fora o mais, em abundância o tenho,
Sem que, para o haver, conduza algum rebanho,
Nem regue com suor, vinha, horta ou pomar.
Minha vida é cantar, dormir, beber e amar!
Polícrates, senhor do mar Egeu, um dia
Certa ode escutou, que à loura e fugidia
Eurípila eu fizera; e o deleite que teve
Ouvindo os versos meus foi tamanho, que em breve,
Instando, me obrigou a vir morar consigo.
Apenas cá cheguei, Polícrates, amigo
E franco protetor de sábios e de artistas,
Bizarro me acolheu com honras nunca vistas,
Forçando-me a jurar que só pela mão da morte
É que eu consentiria em lhe deixar a corte.
Serena, desde então é-me a vida de rosas;
À sua mesa como iguarias preciosas,
Em leito de marfim, durmo sob áureo teto,
E a par do seu fraterno e desvelado afeto,

Meu grato coração o afeto conheceu
De dois homens de bem que lá vivem como eu:
De Íbicos, o poeta, e do ilustre Pitágoras.
Eu que antes desse tempo à raiz das mandrágoras
Tantas vezes roguei do sono o esquecimento,
Para nele afogar a fome e o desalento
Dum misero viver, conturbado e mesquinho,
Agora sou como o inocente passarinho,
Que não faz contas p'ra o comer nem p'ra o vestir,
Que outra coisa não faz senão cantar e rir,
Nas matas pelo calor, e à tarde pelos céus...
— Chamo-me Anacreonte, e vi a luz em Teos!

AGAMEDES (*cheio de surpresa*)

Jamais me alvoroçou alegria tamanha!
Pois quê, Zeus poderoso! é possível que eu tenha
Aqui, junto de mim, o rei dos poetas gregos?
Olhando com desconfiança para
Anacreonte:
Não serás um impostor?

ANACREONTE

Meus olhos fiquem cegos,
Se não sou quem te disse...
Esse pasmo e clamores
Denunciam-me que és dos meus admiradores,
Levando-me a julgar, se não estou iludido,
Que acolherás benigno um pequeno pedido:
Um pedido, ouve bem! Não obriga quem pede...

AGAMEDES

Que desejas?

ANACREONTE

Beber! Venho com tanta sede,
Que bebera o Peneu dum trago!

AGAMEDES
Que promessa!
(Gritando)
Árquias! Árquias!

A VOZ DE ÁRQUIAS
Senhor!

AGAMEDES
Vem cá!

A VOZ DE ÁRQUIAS
Aí vou!

AGAMEDES
Depressa!

ÁRQUIAS *(saindo de casa)*
Aqui me tens, senhor.

AGAMEDES
Vinho e taças! Escuta:
P'ra vir mais fresco, vai buscar o vinho à gruta,
E traze do melhor...

(Árquias volta para casa)

ANACREONTE *(olhando embevecidamente a paisagem)*
Que vista encantadora!
Como deve sair daqui chorosa a Aurora,
Que sorrisos terá quando voltar! O velho
E sempre novo mar está hoje que é um espelho...
Ali, no golfo azul, em festivas derrotas,
As velas dos bateis são irmãs das gaivotas,
Que, sobre um ciprestal de aspecto merencório,
Avoejam no sopé do ruivo promontório...
Daquela alfarrobeira entre os víridos ramos

Sorri, marmória e bela, a cidade de Samos,
Revendo-se no mar com nobreza e vaidade...
Só por si, esta vista, amigo, é a felicidade!
Curto silêncio.

AGAMEDES (*vendo Árquias que reaparece trazendo duas infusas de vinho e duas taças de prata*)

Aí vem Árquias enfim!
(*Enche uma das taças e oferece-a a Anacreonte*)
Este é do velho... Toma!

ANACREONTE (*cheirando o vinho*)

O aroma é delicioso...

(*Prova*)

E o gosto é como o aroma!
E então que fresco vem, como tem vida e graça!

(*Bebe demoradamente até à última gota*)

Mas que vejo? No fundo a generosa taça
Tem gravada uma rã...

AGAMEDES

Foi Pórfiro de Delos

Quem a gravou.

ANACREONTE

E em volta há versos... Vamos lê-los.

(*Lê no fundo da taça*)

Sou uma rã singular:

Se me cobrirem de vinho,

Ninguém, nem mesmo baixinho,

Me há de ouvir tagarelar;

Mas se, por voltas do asar,

Alguém d'água me cobrir,

Diga adeus ao seu dormir,

Que p'ra longe o farei ir

Com meu ríspido coaxar.

Satisfaça-se a rã... Vá mais uma pinguíta!

(Agamedes enche a taça de Anacreonte, que a esvazia de um trago)

AGAMEDES

Mas a que devo eu, amigo, esta visita?

ANACREONTE

No jardim de Antenor, dum lago verde à beira,
Há tempos conheci Meltina, a tecedeira,
Moça d'olhos azuis... Uma paixão de fogo
Na minh'alma extasiada incendiou-se logo,
Doida e violenta como os vendavais da Trácia!
Lentos dias sem fim, com férrea pertinácia,
Segui, humilde cão, a sombra de Meltina,
Beijando a fina areia onde passava, fina,
Com passo musical, num resplendor d'encantos...
Ajoelhado a seus pés, verti copiosos prantos,
Longas noites velei junto da sua porta,
Sem que ela, sempre ativa e glacialmente absorta,
Apiedada afinal, me desse d'improviso
O mimo dum olhar e a graça dum sorriso!
Quando descorçoei de possuí-la um dia,
Busquei na solidão, que os tristes alivia,
Refúgio para a dor... O sitio predileto
Onde eu ia esconder meu fundo mal secreto,
Era o olival que fica além, naquele outeiro,
Entre o aqueduto e o chão de Tírsis, o padeiro...
Foi aí que, uma vez, Eurípila, a que adoro,
A que tem pés de prata e grossas tranças d'ouro,
Me apareceu sorrindo, e me curou de pronto!
Foi no outono...
Porém, já vai comprido o conto,
E tu estás sem saber que fim cá me guiou.
Terei defeitos mil, mas ingrato não sou!
Ora, por gratidão, ao sereno olival
Onde triste escondi meu recôndito mal,
E onde encontrei depois minha atual ventura,

Quer chova, quer sibile a ventania dura,
Dia a dia, sem falta, uma visita faço.
Cumprindo tal dever, todas as tardes passo
À entrada desta vinha, onde, há um pequeno instante,
Um Termo novo achei, de mármore brilhante.
Parei, a contemplar o deus rural, pasmado
Da sua perfeição, e louvando o inspirado,
Incógnito cinzel, que ao deus num rosto dera
Duplicada expressão, sorridente e severa,
Severa para os maus, para os bons sorridente,
E que, a ralar ou rir, diz alternadamente,
Aos ladrões: *para longe!* e aos que o não são: *entrai!*
Então passou por mim o velho Moeris, pai
De Anticleia, a gentil e esbelta bordadora,
Que acolá, numa casa entre ciprestes mora.
— *Moeris, lhe perguntei, sabes dizer-me quem
Atrás da sebe pôs aquele Termo, além?*
E o velho respondeu: — *Sei que a vinha pertence,
Herdada de seu pai, a um moço ateniense,
Que desde a última ceifa habita este deserto
E que é grande escultor... Ele mesmo, por certo,
É que o Termo esculpiu e ali o mandou por...*
Nada mais quis ouvir.
Um mancebo e um escultor!
Eu que sempre adorei a mocidade e a arte,
De Moeris me apartei, e eis-me aqui a saudar-te!

AGAMEDES

Das mais viçosas flores que vicejam neste ermo
Basta coroa farei para coroar o Termo,
Recompensando-o assim (como o aplaudo e bendigo!)
Por me haver conquistado um tão precioso amigo!

ANACREONTE

Precioso!... Essa expressão convém mais ao teu vinho...

AGAMEDES

Achá-lo bom? Queres mais?

ANACREONTE

Pois sim, mas pouquinho...

Bebe.

E ainda há quem chame ruins aos vinhedos de Samos!

Venha uma copa mais, amigo!

Esvazia nova taça.

E agora vamos

A ouvir a tua história! Interessa-me o sabê-la.

AGAMEDES

Deveras, queres ouvi-la? É uma história singela.

Nasci rico, nasci entre a opulência e o gozo...

Ao som d'harpas, dormi num berço flexuoso,

De pérolas e d'ouro, um berço que era um astro!

Medrei saltando em aposentos d'alabastro;

Safiras e rubins gemavam meus brinquedos,

Que eu destruía a rir com furiosos dedos;

Acepipes p'ra a mesa, e perfumes estranhos,

Lançados com mão doida em langorosos banhos

Nas horas sensuais desses dias felizes,

Mandava-os vir meu pai, de longínquos países

Em triremes que só lidavam para nós...

ANACREONTE

Na adega, faço ideia, eram vinhos de Kós

De Mésogis, d'Éfeso... eu sei! Quem lá me dera!

AGAMEDES

Um dia, estava eu a modelar em cera

(Era eu já um rapaz) a ingênua figurinha

D'Eros tendo na mão domestica andorinha,

Surpreende-me meu pai, que em terno desvario,

Crendo ter já em mim outro Melas de Chio,

Me beija ternamente e loucamente parte

À procura de quem me guie nessa arte
Que faz chorar, sorrir, amar e odiar, a pedra!
Dá-me meu pai por mestre o ilustre Copas. Medra
Em mim, dia p'ra dia, a paixão da escultura,
Já me acena de longe a glória com brandura,
Que se ocupam de mim, quando saio, percebo;
E assim, sem me importar, felicíssimo efebo,
Com o frívolo prazer dos jogos e do amor,
Morto p'ra tudo mais, vivo sendo escultor.
Mas da fortuna o vento é como os outros — vário:
Eis que morre meu pai, o alegre perdulário,
E eu fico na miséria!
O palácio d'Atenas
Onde nascera, e onde, ligeiras e serenas,
Tinham da minha infância as horas deslizado,
Como rosas caindo em ribeiro prateado;
O marmóreo palácio e a riqueza que o enchia,
Toda a baixela d'ouro e a imensa argenteria
Que pejara um celeiro; as estátuas e os bustos
De deuses e de heróis, fulgindo entre os arbustos
Do pátio interior, silencioso e discreto;
As cobertas de lã bordadas em Mileto,
Os belos camafeus, e as vivas cornalinas
Gravadas com ideais efigies femininas;
Os vastos leitos, onde a dor de Cipárisso,
Se rangiam, vibrava... ai! tudo, tudo isso,
Como sob um ciclone uma veiga de flores,
Aduncamente foi pilhado pelos credores!
Caído na miséria, um dia, sonolento
E cansado de andar toda a noite ao relento,
O usurário Cleandro encontro, que me fala
Com rara polidez, cofiando a barba rala,
E que a aliciar-me, a penhorar-me, a enternecer-me
Vivamente me diz: — *Olha lá, queres vender-me*
A vinha que teu pai em Samos possuía?
Fiquei varado! O quê, altos Deuses! havia
Coisa que minha fosse? Abafo a comoção

E digo simplesmente ao patifório: — *Não!*

Vendo azulado assim o meu viver aziago,
Buscando amigos meus, parto, procuro, indago,
E acabo por saber, que em verdade era minha
Esta pequena casa e esta pequena vinha
Onde, com o servo leal que nos braços me trouxe,
Vim rápido esconder-me e onde a vida me é doce...

ANACREONTE

E fora o servo, diz, ninguém mais te acompanha?

AGAMEDES

Ninguém mais aqui vive...

ANACREONTE

Eis uma coisa estranha,
Que tu, moço e gentil como és, na linda idade
Dos sonhos e do amor, à tua solidade
Não chamasses ainda uma graciosa amante!
Não! É preciso amar, meu cândido ignorante!
De que te servem, dize, as rosas que além vejo,
Se a enamoradas mãos, com um demorado beijo,
Trememente de paixão, não hás de ir oferecê-las?
De que te serve a vinha, onde os cachos são estrelas,
De que te serve a vinha, e o vinho que produz,
Misto acariciador de bálsamos e luz,
Se um regaço não tens, onde, em brandos deleites,
Meio ébrio, ao fim da tarde, essa cabeça deites?
De que te serve a Glória, amigo? A Glória é vã,
Se aquele que a buscou em doloroso afã,
Alva amante não tem de beleza estupenda,
A cujos pés de luar, como um tapete, a estenda!
(Enche de novo a taça e bebe)

AGAMEDES

Talvez tenhas razão no que dizes... Confesso
Que às vezes, quando sinto o coração oprimido
Por indecisa dor, me ponho a apetecer
A doçura e o frescor de uns lábios de mulher...
Como deve ser bom!

ANACREONTE

Pois ainda não provaste?

AGAMEDES

Confesso que ainda não...

ANACREONTE

O lírio em sua haste
Mais pureza não tem! Até parece mal!
Não estarás a mentir?

AGAMEDES

Sou incapaz de tal.

ANACREONTE

Pois bem, é começar! Com juvenil ardor,
Sem demora entrarás nos combates do amor,
Em que vitórias mil hás de cobrar por certo!
Vamos, quero-te ver finalmente desperto
De um sono que é um crime. Um crime, sim! Mas antes,
Eu que até hoje conto oitenta e sete amantes,
E que em questões d'amor desafio os mais velhos,
Vou dar-te, caro amigo, uns dois ou três conselhos.

(Senta-se numa pedra)

Quem se dispõe a amar o seu caráter dispa!
O amor, embora seja uma rápida chispa
Que morre mal brilhou, tem duras exigências;
Porém, como é fugaz, bastam-lhe as aparências...
Não mudes! Sê o que és no fundo da tua alma,

Mas p'ra alcançar da tua amada a verde palma,
Não receies mostrar-te, ó tu que amar desejas,
Não como és mas como ela quiser que sejas!
É religiosa a tua amada? — Vai ao templo,
Consagra ofertas mil aos Deuses, sê o exemplo
No modo de seguir o antigo ritual.
Tem pelos Deuses do Olimpo um desdém sem igual?
— Sem de leve hesitar, zomba do Olimpo inteiro!
Gosta acaso de flores? — Faze-te jardineiro!
P'ra no Amor ser feliz, eis a receita única:
Nunca d'alma mudar, mudar sempre de túnica!
O que torna o mortal ilustre ou vil é a roupa!
Para possuir Danai, Leda, Antíope, Europa,
O onipotente Zeus tornou-se em chuva d'ouro,
Em cisne, em Aegipan e por último em touro!
Faze o mesmo! Porém, ouve ainda uma coisa:
— Se tiveres de ser animal, sê... raposa.

Ha, para cativar as virgens indiferentes,
Uma droga de cruz: enchê-las de presentes.
Embora a Persuasão em teus lábios habite,
Um anel, um medalhão d'ágata ou malaquite,
Uns brincos ou um rubim de fina transparência
Conseguirão bem mais que a maior eloquência.
Agamedes, no entanto é meu dever dizer-te
Que este velho processo as mulheres perverte
E lança na ruína os homens. A mulher
É um poço d'ambição: quanto mais tem, mais quer.
Tem um anel? quer dois; tem dois? deseja três...
Não caias na fatal, grotesca insensatez
De acostumar assim a tua namorada!
Se a acostumas assim, a moça desvairada
Nem um só beijo, um só! te pousará na boca,
Sem que primeiro exija alguma coisa em troca.
Presenteia somente o amor dos teus amores
Com lindos pomos, mel, versos e muitas flores.
Nada mais! De contrário, ingênuo apaixonado,

Terás em breve tempo, ó tonto! dissipado
A casa, a vinha, a horta e as próprias ferramentas...

Vencendo em sanha e astúcia as feras mais cruentas,
O ciúme é um negro monstro, um javali nefasto
Que os puros corações destro: não lhe dês pasto,
Evita-o sem cessar como um funesto pasto!
Se fores encontrar o teu melhor amigo
A cochichar com a tua encantadora amante,
Não te deixes tomar de cólera espumante,
Faze que nada vês, de leve te retira,
Fecha a porta de manso, e sofrendo a ira,
Caminha para a casa onde mora o infiel
E vingá-te... beijando a airosa amante dele!

De tanto parolar a goela se me abrasa...
Vá uma taça mais! mas enche-a pela rasa,
Se não queres que a rã coaxando nos irrite.

(Recebe das mãos de Agamedes a taça trasbordante, bebe sofregamente, e continua já bastante embriagado)

Para te conduzir ao altar de Afrodite,
Talvez te conviesse uma mulher já feita,
Casada ou não (isso é indiferente), afeita
Aos mistérios do Amor, e cuja experiência
Guiasse, maternal, tua cega inocência...
As flores dão-se bem às vezes nas ruínas,
E assim, efebos há que às cândidas meninas,
Lindas como, ao luar, de cravos um canteiro,
Insípidas, porém, como um arbusto sem cheiro,
Preferem vezes mil matrona já durázia,
Mas enervante como os bálsamos da Ásia.
No entanto uma mulher assim é bem pregos,
Porque em cada matrona há sempre uma gulosa,
E como a fruta verde é a que mais as tenta,
Passado um dia ou dois, ao cabo de violenta
Noitada de prazer, havias de aparecer-me
Sumido, sem vigor, com sombras na epiderme,

Com uns olhos de febre entre violetas roxas,
Qual se foras, enfim, chupado pelas carochas.
Deixa para mais tarde as velhas; por enquanto
D'alva moça procura o imaculado encanto,
O inviolado frescor... Conheces Anticleia?

AGAMEDES

Há dias que a conheço...

ANACREONTE

E como a achas, feia?

AGAMEDES

Pelo contrário, amigo, é linda como os astros!

Sua pele escurece os puros alabastros
Da lacônia, e, por Zeus! sua voz argentina
É um favonio a brincar numa lira divina...
Nunca donzela vi tão linda!

ANACREONTE

Muito bem:

É Anticleia, amigo, a flor que te convém!

AGAMEDES

Porém...

ANACREONTE

Porém, o quê?
Como estúpida.

AGAMEDES

Anticleia é tão linda

ANACREONTE

E tu és mais ingênuo ainda
Que um ramo de coral, cabecinha de vento!
Se exiges à mulher a força do talento,

Deverás exigir a formosura aos sábios!
Que importa a estupidez, se são frescos os lábios?
As maçãs em que tu cravas guloso os dentes,
Dize-me, essas maçãs são muito inteligentes?
Ora a maior diferença, amigo, que tu vês
Entre a moça e a maçã, é que uma tem dois pés
E a outra tem um só! Anticleia é formosa
E nova. Que mais queres? É parva e silenciosa?
Melhor! Sem hesitar, trata de convencê-la.
Hoje mesmo, sem falta, hás de falar com ela!

AGAMEDES

Mas o que hei de eu dizer-lhe?

ANACREONTE

Ingênuo! Dir-lhe-ás

Que a amas, como a vespa ama o fino lilás;
Que a amá-la, sem cessar, em fogo se consome
Teu pobre coração, e que, ao dizer seu nome,
Sentes à flor da boca um veio de ambrósia;
Dir-lhe-ás, que vês, ao vê-la, um refulgente dia,
Embora sobre ti a noite se condense;
Que em frescura e doçura o seu habito vence
Os zéfiros que vem dos laranjais da Argólida,
E que a tua paixão, como as montanhas, solida,
Como o Oceano, profunda, e, como o aço, forte,
Não teme o alado Tempo e desafia a Morte!
Por fim, dir-lhe-ás também, que, por sua intenção,
De Gípris sobre o altar queimaste em profusão
O olíbano que vem da Arábia fabulosa,
E as resinas sutis da planta preciosa
Em que foi transformada a filha de Ciniras...

AGAMEDES

Mas isso, Anacreonte, é um rocal de mentiras!

ANACREONTE (*indignado*)

Nunca até hoje vi tamanha ingenuidade!
O Amor anda de mal há muito com a Verdade!
Queres vitórias ter? Mente e torna a mentir!
Dize que sentes mas livra-te de sentir!
Durma o teu coração, quando a boca falar!
Mente e torna a mentir! Não caias em amar
Com verdadeiro amor! Um amor verdadeiro
É uma canga de bronze, um duro cativoiro
Que atrai angústias, ais, ciúme, febre e pranto!

(Deita a mão a uma das infusas e põe-se a beber desordenadamente, ás goladas)

AGAMEDES

Compreendo... Mas depois de repetir-lhe quanto
Me ensinaste, que mais deverei eu fazer?

ANACREONTE *(limpando a boca avinhada a uma ponta da túnica)*
Marca-lhe uma entrevista aqui, ao escurecer.

AGAMEDES

E ela virá?

ANACREONTE

Por certo.

AGAMEDES

E em ela aqui chegando?

ANACREONTE

Senta-a junto de ti, e as suas mãos beijando,
Imprime à tua voz doces requiebro lassos
De paixão...

AGAMEDES

E depois?

ANACREONTE

Depois... beija-lhe os braços,
E se ela não mostrar sacudidos assombros,
E creio bem que não, beija-lhe os lácteos ombros...

AGAMEDES

E depois? E depois?

ANACREONTE

O Amor te ensinará!
(Ergue-se com dificuldade, bebedíssimo)
Mas agora reparo, é quase noite já...
Vou-me!

Dá dois passos a cambalear
E a caminho irei compondo uma canção
P'ra Eurípila... O teu vinho, enevoando a razão,
Exalta e inspira como as águas de Castália!
*(Os braços bambos, trocando as pernas e piscando os olhos, põe-se a fazer
medidas diante de Agamedes, e de repente, num ímpeto, larga pela vinha
abaixo, aos bordos)*

AGAMEDES *(vendo-o desaparecer)*
Que bêbado que vai! Lá deixa uma sandália...



SEGUNDO ATO

O mesmo cenário do primeiro ato. Crepúsculo da tarde.

CENA I

Agamedes só.

AGAMEDES

Desde que Anacreonte aqui esteve há três dias
Quase me desconheço!

As puras alegrias
Do trabalho; o prazer íntimo e sem alarde,
De mirar orgulhoso, ao declinar da tarde,
Os avanços da estátua em que andava lidando;
Depois, concluída a ceia, esse cansaço brando,
Esse doce torpor que me levava ao leito,
No qual adormecia, ingênuo e satisfeito,
A pensar deliciado em novas esculturas;
O entusiasmo, a fé, as ambições tão puras
Com que me erguia, mal a vespertina estrela
Às nênias punha fim da triste Filomela,
Cansada de contar o triste fado seu,
De Progne a revindita, e a fúria de Tereu,
Toda a macieza e paz daqueles dias breves
Submersas vejo como, ao derreter das neves,
As campinas que estão nas margens do Arquileu!

Meu pobre coração dormia... Despertou-o
Com voz d'encantamento o lírico de Téos...
Como no dorso mole da baleia os arpéus
Dos rudes pescadores que vão para agarrá-la,
Assim dessa brilhante e sugestiva fala
As palavras fatais, palavras que eram setas,
Me penetraram todo!
Adeus, noites quietas,
Noites dum sono só, e vós dias ligeiros,
Em que as Horas, dançando em floridos canteiros,
Com divinas canções acompanhavam, rindo,
Do meu escopro na pedra o canto claro e lindo!
Meu escopro! meu amigo e meu sócio na arte,
Três longos dias há, que não ousou tomar-te
Nestas ingratas mãos, ingratidão sem nome!
Três longos dias há, que a febre me consome,
Impelindo-me atrás dum sonho vago e fútil;
Três longos dias há, que estás calado e inútil,
Entre obras por findar, na calada oficina!
Lá, meu escopro fiel, que excitação divina,

Que inspirado furor nos colhia a nós dois
Na anciã de criar deuses, ninfas e heróis,
De dar à pedra morta a inquietação da vida!
Ai! quanta, quanta vez, com a alma embevecida
Em funda aspiração de espiritual beleza,
Não te fui despertar antes que a natureza
Acordasse ao raiar da Aurora em risos claros!

Ao centro do telheiro, alvo bloco de Paros
Erguia-se brilhante.
E a faina começava!
Tomando-te na esquerda, a mão direita alçava,
Pronta p'ra te bater, a pesada maceta;
No modelo de barro a minha vista inquieta
Pousava, a calcular formas, relevos, linhas,
E logo, aos golpes teus, — quão certos os mantinhas! —
Ou cauto e comedido, ou desvairado e louco,
Avultavam na pedra informe, a pouco e pouco,
Uma nobre cabeça altivamente ereta,
Um belo torso nu, forte e largo, d'atleta,
Uma perna retesa, uma crispada mão!
E o teu cantar seguia a minha inspiração!
Brando, se algum relevo a respeitar havia,
Mudava-se a brandura em áspera energia,
Num fuzilar de movimentos iracundos,
Quando urgia fazer desbastes mais profundos;
Leve, tinias como os sistros argentinos,
Se arredondavas, meigo, uns seios femininos,
De uma náíade o colo, ou duma deusa as ancas;
E ao mármore arrancando enormes lascas brancas...
Silvavas como um raio em minhas mãos nervosas,
Se lavravas na pedra as formas vigorosas
Dum lutador lutando, ou dum nume furioso!
Ai de mim! O labor constante e voluptuoso,
Que dantes me encantava, aborrece-me agora!
Cada instante fugaz me parece uma hora,
E tu, meu escopro, que eu tão leveirinho achava,

Pesas-me tanto ou mais que de Hercules a clava!
(*Senta-se num dos intercolúnios do pórtico. Pequeno silêncio*)

Ontem, pensando nas belezas de Anticleia,

Deste casal saí...

De súbito, avistei-a,

A caminho da fonte, airosa, fina e lesta!

Eram de neve pura a sua nobre testa,

O seu peito de garça e seus ligeiros pés;

E sobraçava, esbelta, uma ânfora de grés...

Maluquinho d'amores, vou-me no encalço dela,

A admirá-la, extasiado e tonto, a apeteçê-la,

A compor frases mil, afim de lhas dizer

Tão depressa pela cinta a colhesse, e a colher

Branços narcisos, goivos brancos e alfazema,

Para tecer-lhe farto e perfumado estema!

Nisto, de um verde bosque a densa ramaria

Encobre-ma: julguei até que anoitecia,

Posto que fosse d'ouro e rosas a manhã!

Como Sírinx fugindo aos abraços de Pan,

Largo em doido correr...

Em breve, aos meus ouvidos

Soam já, suavemente, os velados gemidos

Da fonte, junto à qual ela devia ouvir-me

Jurando um grande amor, puro, abrasado e firme!

Chegado lá, porém, que vi?

Potente Zeus,

Porque é que não cegaste os tristes olhos meus?

— Anticleia, a gentil, ambicionada flor,

Abraçava Rufino, um rústico pastor!

(*Erguendo-se*)

Cípris! Filha do Céu e do Mar! Sê fagueira

Para Agamedes! Ouve, ó Deusa!

A vez primeira

Que ao teu culto levei meu novo coração,

Tão somente colhi negra desilusão!

Foste injusta e cruel!

Deusa formosa e sabia,

Os belos olhos teus, doces como da Arábia
Os perfumes sutis, põe-nos neste meu seio,
E logo me dirás se o vivíssimo anseio
De ternura e de amor, que nele estua e cresce,
Qual refervido oceano, ó Cípris, não merece
Que alto premio lhe dês, dando-me sem demora
Meiga amante, fiel, e amável como a Aurora!
Sê benigna e clemente, ó Cípris! E se acaso
Minha súplica ouvires, se eu vir, em breve prazo,
Do meu inquieto amor o idolatrado objeto,
Alta deusa de Cnido e de Pafos, prometo
Que te hei de levantar uma estátua tão bela,
Onde a tua nudez cintilante, de estrela,
Tão bem seja imitada, e essas mãos e essa fronte,
Que ao vê-la julgarás mirar-te em lisa fonte!



CENA II

Agamedes e Árquias.

AGAMEDES (*ouvindo passos*)

Quem vem?

ÁRQUIAS (*entrando pela direita, com um cesto às costas*)

Sou eu, senhor.

AGAMEDES

O que vai pela cidade?

Nada ouviste por lá?

ÁRQUIAS

Há grande novidade!

(*Pousa o cesto no chão, e começa a mostrar o que nele traz*)

Fui buscar ao mercado este cambo de tordos,

— Vê que bonitos são, e vê como estão gordos! —

Estas maçãs de Creta, e esta enfiada d'enguias

Do lago Copais; entrei nas olarias
De Gláfiro e Menandro, e lá comprei, baratos,
Este ríton que achei belíssimo e estes pratos;
Um momento parei, com olhos compassivos,
Seguindo o trabalhar d'alguns pobres cativos,
Que em torno da muralha um fosso estão cavando;
Procurei Nicanor, o bêbedo execrando,
Que ainda não aprontou tuas sandálias; fui...

AGAMEDES (*interrompendo-o*)
Que me importa o saber onde foste? Conclui
O teu roteiro e conta a novidade, vamos!

ÁRQUIAS

Pois saberás, senhor, que chegou hoje a Samos,
De Amásis, rei do Egito, esplendida embaixada;
Presentes que ela traz, luzem como a alvorada,
Tão carregados vem de gemas assombrosas!
Ao pé destas, porém, as coisas judiciosas,
Os conselhos leais e as razões excelentes
Da carta que acompanha os lúcidos presentes,
São como ao pé da negra cinza o ouro em pó!
A Polícrates diz o sábio Faraó
Isto que eu ouvi ler:
*Amigo: Essa aliança
Que me propões, aceito-a. É grande a confiança
Que tenho em teu valor e em teu alto poder!
Um exército possuis, que sabe só vencer,
Exército fatal, mudo, solene e forte,
Que leva a Glória sempre adiante, e atrás a Morte!
Sei que prodígios mil de audácia e valentia
Se cometeram quando, em memorável dia,
Dalésbia gente houveste um triunfo completo,
Ao vê-la socorrendo o povo de Mileto;
Sei finalmente que na baía de prata,
Onde a tua cidade airosa se retrata,
Cem naus mergulham na água os seus cinco mil remos!*

Quanto a mim, sabes bem o que valho. Juntemos
Nossas forças, e então, sentindo a sorte adversa,
 Confuso rugirá nosso inimigo, o persa!
Então, amigo, ao ver que apertamos as mãos,
 Na intrepidez heróis, e na amizade irmãos;
 Tremará de pavor o insolente Cambises!
 Em Samos e no Egito áureos dias felizes
 Veremos deslizar... Então a filha loura
 De Têmis e de Zeus, a Paz encantadora,
 Seus ouvidos cerrando aos bélicos gemidos,
 Graciosa, há de eleger, como sítios preferidos
 Para após infantis, inocentes folguedos,
 Longas sestas dormir, os samianos vinhedos,
E aqui, por tardes d'ouro, a sombra das pirâmides
 Então, aí e aqui, cingindo puras clâmides,
 Os soldados irão (já cuido que os contemplo!)
 Suas armas depor do deus Ares no templo,
— O casco, o forte escudo, as refulgentes enêmides,
E as lanças mais cruéis que o açoite das Eumênides!
 Tua proposta aceito, amigo meu... Porém
 Tu que entre outros possuis o inestimável bem
 De ser mui novo ainda, escuta a um pobre velho,
Que te quer como a um filho, um paternal conselho.
 Gabas-te, amigo meu, da tua felicidade
 Que limites não vê: vives numa cidade,
 Que pela sua beleza as mais belas humilha;
 Douram-te a vida azul os beijos duma filha;
 Em divinos licores dessedentas os lábios;
Tens sempre ao pé de ti, tu que amas poetas, sábios,
 Pitágoras dum lado, e do outro Anacreonte;
 E a almofada onde pões a sonolenta fronte,
 Quando Morfeu lhe instila o filtro perturbante
 É o seio de jasmims e rosas, d'alva amante!
 Nunca passou por ti a sombra dum desgosto,
 Nunca, empresa arriscada onde tivesses posto
 Entusiasmo e fé, deixou de consumir-se;
 Nunca teve p'ra ti a Fortuna um disfarce;

*E nos combates mil que afrontas com valor,
Ou na terra ou no mar, és sempre vencedor!
És em excesso feliz, Polícrates! Cuidado!
Que essa fama não chegue ao Olimpo, e que, irritado,
Não te castigue o Olimpo! Os deuses com bons olhos
De certo não verão que os mínimos abrolhos
Se erricaram jamais em teu flóreo caminho,
E que n'alma jamais se te cravou um espinho!
Existir é sofrer! Angústias, sobressaltos,
Ninguém os desconhece, e até os deuses altos
Em rudes aflições por vezes se consomem!
Não, felicidade assim não é própria dum homem!
Ora pois, se tu queres, amigo, conservar
Parte dessa fortuna incrível, singular,
Toma aquilo que mais estimas neste mundo
E arremessa-o de pronto ao mar verde e profundo,
A ver se um deus, calmada a inveja, e satisfeita,
Do que ainda te ficar como um penhor o aceita!*

AGAMEDES

E agora o que fará Polícrates?

ÁRQUIAS

Ouvi,

Que ao ler avisos tais sorriu, como sorri
Dos reparos do pai, leviano adolescente.
Algo ficou, porém, minando surdamente
Na sua consciência; a missiva releu
Com sisuda atenção, e por fim resolveu
Lançar ao mar, que além sussurra e se encapela,
O precioso firmai com que os rescritos sela.
Esse firmai, obra do ourives Teodoro,
É um pesado anel, onde, entre folhas d'ouro,
Como estranho astro-flor, uma esmeralda brilha;
E com ser d'alta arte excelsa maravilha,
É para o nosso rei, d'amor grata lembrança,
Pois ostenta com viva e inteira semelhança,

Na glauca gema aberto, o retrato de Aglai,
A amante que lhe deu a glória de ser pai!
É amanhã que a joia ao mar será lançada...
(*Árquias volta-se rapidamente, e fica-se a olhar para os lados da vinha*)

AGAMEDES

O que é que estás a olhar?

ÁRQUIAS (*com um gesto de silêncio*)
Cala! Não digas nada!
Pareceu-me ver passar uma sombra na vinha...
Vou ver o que será...



CENA III

Agamedes e o Coro das Sombras.

AGAMEDES

A noite se avizinha...

Ai de mim! Já me espera o leito, onde tristonho
Só terei p'ra abraçar, um fantasma num sonho!

CORO DAS SOMBRAS (*cantando ao longe*)
No bosque de mirtos que em Chipre rodeia
Seu templo rosado pela luz vespertina,
Dormita na relva, que às brisas ondeia,
A deusa ciprina.

Embalam-lhe o sono, com vozes sonoras,
Gabando-lhe os olhos suavíssimos d'ouro,
As Graças, os Jogos, os Risos e as Horas,
Em lânguido coro...

Como o ar é soturno, mil pombas de Messa,
Pasmadas da alvura da sua nudez,
Avoejam-lhe em torno da loura cabeça,

Refrescam-lhe a tez...

Lastimam-se as aguas por entre as folhagens,
As aves e as feras suspiram d'amor,
E astrais libelinhas transmitem mensagens
De flor para flor...

Mas Cípris acorda... Um zéfiro brando
As queixas lhe trouxe do puro Agamedes;
E Cípris exclama, gentil, bocejando:
— *Terás o que pedes...*



CENA IV

Agamedes, Árquias e Melissa.

A VOZ DE ÁRQUIAS (*ao longe*)

Ladra!

A VOZ DE MELISSA

Perdão! Perdão!

A VOZ DE ÁRQUIAS

Os cachos eram doces?

Pois amargá-los vais!

A VOZ DE MELISSA

Tinha fome!

A VOZ DE ÁRQUIAS

Não fosses

Uma ladra como és, pedindo, alcançarias

Quanto quisesses!

(As vozes vem-se aproximando)

A VOZ DE MELISSA

Ai!

A VOZ DE ÁRQUIAS

Nada de gritarias!

A VOZ DE MELISSA (*cada vez mais lastimosa*)
Por Zeus, não me magoes!... Arrancas-me os cabelos!

A VOZ DE ÁRQUIAS

E tu não me arrancaste os cachos, os mais belos
Da vinha?

A VOZ DE MELISSA

Onde é que vou?

A VOZ DE ÁRQUIAS

Não sejas curiosa,
Em breve o saberás!

(Aparece Árquias, puxando com brutalidade e fúria os cabelos e a roupa de Melissa, que mal se defende, debruçada em lágrimas)

AGAMEDES

Que é isso?

ÁRQUIAS

Uma raposa

Que eu na vinha agarrei... E então o que ela come!
Se eu lá não vou...

MELISSA (*deitando-se aos pés de Agamedes*)

Perdão! Eu tinha muita fome,
E o Termo, quando entrei, não me ralhou... sorriu!

AGAMEDES (*dirigindo-se energicamente a Árquias, que não larga Melissa*)

Árquias, endoideceste? Então que desvario
É o teu? Larga de pronto essa gentil criança!
*(Curva-se para Melissa, levanta-a carinhosamente nos braços e senta-a
num intercolúnio do pórtico)*

Vamos, não chores mais! Senta-te aqui, descansa,
E que a alegria doire essa carinha triste...

(Para Árquias, com aspereza)

Árquias! Pois ainda estás? Acaso não lhe ouviste
Dizer que tinha fome? Anda, prepara a ceia!

ÁRQUIAS *(encaminhando-se para casa, a resmungar)*
Belo! Dá-lhe um banquete em vez duma tarefa!

AGAMEDES

Como te chamas tu?

MELISSA

Melissa.

AGAMEDES

Um nome lindo,

Que cheira ao mel silvestre e às roseiras do Pindo!

És de Samos?

MELISSA *(enxugando os olhos, e concertando os cabelos desgrenhados)*

Nasci na rica e sábia Atenas...

AGAMEDES

Onde eu nasci também...

MELISSA

Deveras?

AGAMEDES

Sim.

MELISSA

Apenas

Quarenta dias há, que eu deixei nossa terra,
E já, de a recordar, no meu peito se aferra
Uma saudade imensa... Ai, que infeliz eu sou!

AGAMEDES

Mas que benigno vento a Samos te guiou?

MELISSA

Órfã de pai e mãe...

AGAMEDES (*interrompendo-a*)

Como eu...

MELISSA

Será verdade?

Filhos da mesma terra e irmãos pela orfandade?

AGAMEDES (*sorrindo*)

E mais que irmãos talvez... Sabes tu o que os dias
Futuros nos trarão? Continua. Dizias...

MELISSA

Órfã de pai e mãe, uma velha parenta,
Rodocleia de nome, e d'alma ferrugenta,
Tomou-me para casa, e encheu-me de trabalhos,
Cobrando eu por salário um caldo negro e ralhos,
Felicíssima quando a velha, em fúria louca,
Não me vinha zurzir com a esguedelhada roca.
Se ao bosque ia por lenha, ou quando, às tardes, ia
À fonte, — qual ladrão, não andava, corria,
Mas ao voltar, trazendo em sangue estes meus pés,
Punha-se ela a gritar: — *Que lesma que tu és!*
E aquele rezingar jamais tinha uma pausa!
Mesmo a sonhar, ralhava! Era por minha causa
Que o vento arrepejava as fruteiras na horta,

Que se toldava o vinho, e que rangia a porta,
Que chovia demais, e se escondia o sol!
Fora eu que chamara um meigo rouxinol,
E que atiçava os cães p'ra lhe tirar o sono!
Tudo isto ela dizia aos mais com duro entono;
E quanto a mim, harpia insofrível, medonha,
Tinha boca de rã e nariz de cegonha,
Era porca, malcriada, impostora, indolente,
Um misto de raposa e víbora e serpente,
Numa palavra, — o ser mais tredo e mais imundo,
Que tem havido, que há e que haverá no mundo!

AGAMEDES

De Zeus, morre o inocente aos raios desumanos,
E uma mulher tão má chega a propectos anos!

MELISSA

Fartei-me! Certo dia, encontro no caminho
Um jovem mercador, que fora meu vizinho,
E que amável me diz: — *Que magra que tu andas!*
Que faces tu? Contei-lhe as coisas execrandas,
Que a velha me fazia... Ele, fingindo doer-se
Da minha narração, num ponto a cortou cerce,
Exclamando: — *Pois bem! eu te livrarei dela!*
Som moço e apaixonado, e tu dócil e bela!
Ligando-nos, os dois faremos boa liga,
E assim, se tu quiseres, minha infeliz amiga,
Iremos amanhã para a ilha de Paros!
Na seguinte manhã, meus olhos ledos, claros,
Do cabo Súnium, entre um nevoeiro d'opalas,
Viam sumir-se, ao longe, o penacho de Pálias,
Que, da Acrópole augusta, a cidade vigia...
Cármis, que em Paros fez bom negócio, vivia
Alegre como um rei: amava-me e comprou-me
Um lindo bracelete onde estava o meu nome
Todo escrito a rubins. Em célere navio,
Algum tempo depois, largamos para Chio.

Aí foi-nos adversa a fortuna... E o pior
É que foi lá também que eu vi o falso amor
De Cármis, como ele era: o gosto, a fome apenas
De uns dias possuir meu corpo d'açucenas,
Tímido e virginal.
Ante essa crueldade,
Cheguei de Rodocleia então a ter saudade!
A gentileza, o mimo, os constantes sorrisos,
Com que ele me falava, enchendo de narcisos
O trilho dos meus pés, transmudaram-se breve
Em gestos secos, de aço, e em palavras de neve!
Melissa, a ingênua flor, que para Cármis fora
A glória, o encanto, a luz e a própria vida, agora,
De seduções despida, era uma sombra e um fardo!
Os cognomes gentis, pérola, estrela e nardo,
Que me dera ao princípio, em horas de ternura,
Nunca mais lhos ouvi! Coberta d'amargura,
Uma noite, ao luar, vim com ele p'ra Samos,
Onde hoje de manhã por fim desembarcamos...

Desembarcando, o infiel transformara-se: era outro!
Aqueles repelões de ressabiado potro,
Com que ele me acolhia, extinguiram-se... Bela
Novamente me achou; pérola, nardo e estrela,
Assim por sua voz fui de novo nomeada!
— Mas tudo isso eram flores tapando uma cilada!
Depois de termos visto as ruas principais,
Templos, termas, o estádio, o aqueduto e o cais,
Dum cedro colossal à sombra acolhedora
Fomos comer...

Jamais Cármis, o ingrato, fora
Tão risonho e gentil... A um escravo que nos trouxe
Um favo, ei-lo a gritar: — *O que trazes? Mais doce
É a boca de Melissa!* Achando o vinho aguado
Toma a infusa de grés, fingindo-se zangado,
E diz-lhe: — *Infusa vil! sócia dos traficantes,
Em vez de teres amado as rápidas Bacantes,*

Andaste a namorar as Náiades dos rios...
E gracejava sempre!... Em ternos amavios,
Vestia-me d'amor o seu quebrado olhar,
E depois de, perverso e falso, me abraçar
Com fingida paixão, ergue-se de repente,
Diz-me: *Espera um instante!* e parte...
Ingenuamente,
Deixo-o partir, e fico a ver por distração
As abelhas nas flores e as formigas no chão...
Passa o tempo...
Do cedro a sombra tênue e vasta,
De meus inquietos pés a mais e mais se afasta...
E Cármis sem voltar! Assusta-me a demora.
Uma hora d'aflição sucede a outra hora;
Já terceira começa... Enfim, sem me conter,
À busca dele parto, a chorar e a tremer...
De tal modo me cega e desvaira a desgraça,
Que umas seis vezes vou parar à mesma praça!
Não o vendo na cidade, à praia corro, donde,
No momento em que o sol entre nuvens se esconde,
Ao musical bater dos seus sessenta remos,
Se aparta com nobreza a nau em que viemos.
A todos quantos vejo, ansiosa e soluçante,
Peço em humilde voz novas do meu amante:
Este não me responde, aquele encolhe os ombros,
Até que, finalmente, — assombro dos assombros!
Um velho que chegou conosco hoje, de Chio,
Diz, vendo-me: — *Lá vai! Vai naquele navio!*
E o navio já longe! O que senti não o sei,
Nem o que fiz depois... Lembro-me só que andei
Por veigas, pinheirais, fragosas cumeeiras,
Que a túnica rompi nos cardos, nas silveiras,
Doida, sempre a correr, qual se andara sem norte
A agarrar uma sombra ou a fugir da morte!
Por último, cansei... A sede me abrasava,
Uma sede infernal! Parei exausta... Estava
À porta desta vinha... Assim que a minha vista

Cansada lobrigou mil cachos d'ametista,
Entrei e desviando os pâmpanos de bronze,
Colhi, não foram mais! uns dez bagos ou onze!

AGAMEDES

Pobre, infeliz Melissa, em tua casa estás:
Não há galas aqui, mas aqui acharás,
Longe do mundo vão, dias puros e lisos...
Quando for duro o pão, comer-se-á com risos!
Podes confiar em mim sem o mínimo receio...
(Fitando Melissa demoradamente)
Sendo linda como és e doce como creio,
Talvez... quem sabe lá?...
Mas se o teu coração
P'ra amante me não quer, terás em mim um irmão.

MELISSA

A tua escrava sou.

AGAMEDES

Não, Melissa! Eu te juro
Pelos deuses imortais, sem medo que o futuro
Me traga a punição dum falso juramento,
Que nunca, em dia algum, nem mesmo em pensamento,
Um beijo, ouve-me bem! um beijo só que seja
Nessa boca darei, sem que primeiro veja
Nesses olhos azuis uma chama d'amor!

MELISSA *(agarrando, comovidíssima, as mãos de Agamedes, e beijando-as)*

Senhor!

AGAMEDES *(chegando-a a si com ternura)*

Ah! pudesse eu sacudir tua dor
Num pronto, como quem sacode o pó da túnica,
Ah! pudesse eu — ventura inigualável, única! —
Arrancar da tua alma a imagem negregada

Desse Cármis infiel!

MELISSA (*tapando os olhos com as mãos*)
Como eu sou desgraçada!

AGAMEDES

Dize, amava-lo, muito, imenso... não é certo?

MELISSA

O que hei eu responder? Dir-se-ia que desperto
Dum sonho escuro, atroz... Não! eu julgava amá-lo:
Mas ouvindo-te a ti, um tão gostoso abalo
Me agita e me perturba; a tua voz divina
Com tão forte poder meu coração domina,
Essa voz através da qual me sinto entrando
Num mundo novo d'esplendores, risonho e brando,
Que reconheço enfim por falaz embusteiro
O amor que julguei ser veemente e verdadeiro!

Vendo-me entrar aqui, ladra, faminta e rota,
Desfeada pela dor, qual vagabunda idiota,
Triste o teu doce olhar, porque o meu era triste,
Não recuaste assombrado e não me repeliste,
Mas sim correste a pôr com leves mãos piedosas
Meu ferido coração numa cama de rosas!
À vítima do amor, à criança iludida,
Para quem se fechara em densa noite a vida,
Gritas com terna vez: *Espera! Crê! Não chores!*
Eros que te feriu coroar-te-á de flores!
E à escrava que, ao sentir a tua caridade,
Gratíssima e confusa e cheia de humildade,
Por não ter mais que dar, o corpo nu te oferece,
Respondes: *Ainda não!*
(*Deixando cair a cabeça sobre o peito de Agamedes*)
Se minha mãe vivesse,
Não seria melhor p'ra mim do que tens sido!

AGAMEDES (*beijando-a castamente na testa*)
A vida nos será verde jardim florido!
Porém, Cármis... Não sei que gênio mau me impele
A interpô-lo entre mim e ti, a pensar nele!
Cármis!

MELISSA
Ante essa dor a minha se renova
Não! crê-me, eu não o amei! Tão simples como nova,
Ouvindo aquela voz, trega mas dum som lindo,
Atrás dele parti, qual menino que, ouvindo
Um ribeiro a cantar, vai beber sem ter sede!

AGAMEDES (*abraçando-a e beijando-a apaixonadamente*)
Melissa, amo-te muito e muito! Escolhe, pede,
Tudo haverás de mim!
(*Vendo-a quase desmaiada*)
Que tens?

MELISSA
Fazes-me tonta
Começo a ser feliz...

ÁRQUIAS (*aparecendo à porta*)
A ceia já está pronta.

(*Abraçados, revendo-se um no outro, Agamedes e Melissa dirigem-se lentamente para casa*)



TERCEIRO ATO

A oficina de Agamedes. Largo pátio cercado por muros altos donde se debruçam pâmpanos das ramadas exteriores, carregados de cachos. Ao fundo, uma porta sobre o mar. À esquerda, debaixo dum telheiro aberto,

resplandece uma estátua de Vênus, obra de Agamedes, para a qual Melissa serviu de modelo. Em volta, estatuetas e bustos.

CENA I

Agamedes e Melissa.

(A meio do pátio, Agamedes modela em cera uma figurinha de Sátiro. Melissa contempla silenciosamente a estátua)

MELISSA *(voltando-se para Agamedes)*

Dize: tão linda sou como tu me fizeste?

AGAMEDES

Que me perguntas tu? Pois não surpreendeste
Os escrúpulos mil, os cuidados e o zelo
Com que eu, tendo-te aí despida, por modelo,
Louco d'inspiração e d'amor também louco,
Cortei de modo tal o cintilante bloco,
Que fosse p'ra o teu corpo harmonioso e puro
O que para o cipreste é o seu reflexo escuro
Nas aguas da piscina, e o eco é para a voz?

MELISSA *(olhando para a estátua, cheia de desconsolo)*

Não sou tão linda!

AGAMEDES

Quando, ó meu amor, a sós
Contigo, neste quadra, à luz áurea do dia,
Trêmulo desatava o cinto que prendia
Tua túnica, não me viste muitas vezes
Como que a remoer desditas e revezes,
Sentindo-me incapaz de dar à pedra dura
Uma sombra sequer da tua formosura?
Mas teus beijos d'amor levantavam-me logo!
Retomava o cinzel com exaltado fogo
E qual se a mão dum gênio a minha mão guiasse,

Palpitavam na pedra as linhas dessa face,
Do teu dorso de prata a ondulação maviosa,
E a graça do teu rir, que é uma estrela e uma rosa!

(Fitando a estátua)

É bela a estátua, sim! tão bela, que duvido
Se fui eu que a formei, eu, um mortal tolhido
Pela humana imperfeição! É bela! mas é bela
Porque és tu mesma, tu, Melissa! Olha para ela,
Despindo-te, e verás, vendo-te e a ela nuas,
Que as suas perfeições são a cópia das tuas,
Que um encanto não tem que tu, amor, não tenhas!

Que fundas comoções deliciosas e estranhas,
Não senti ao lavrá-la em fervidos anseios!
Não te lembras de quando eu lhe fiz os dois seios?

Foi de manhã...

Entraste aqui quando eu, de leve,
Do seu peito amaciava as colinas de neve,
Cheio d'hesitação...

Olha! disseste tu,

E o seio me mostraste, o seio todo nu,
Arfante e rescendente... Um campo embalsamado,
Cheio de lírios só! Ao vê-lo, deslumbrado,
Beijo-o com beijos mil, demorados e lentos,
Palpo-o com mãos febris, sigo-lhe os movimentos,
E enfim, qual se o levara a ele e aos seus segredos
Nestes olhos, na boca e na polpa dos dedos,
Voltando a trabalhar, com inspirado brio,
Com divino furor no mármore o copio!

Pronto!

Os peitos da estátua eram teus próprios peitos
Tão parecidos com os teus, tão iguais, tão perfeitos,
Que desvairado fui osculá-los, ligeiro,
E a cabeça deitei no alvo desfiladeiro
Que os separa...

MELISSA

E então vi a asa dum desgosto
Nos teus olhos; chamei-te, e aconcheguei teu rosto
No meu seio arquejante, onde, já menos triste
De não seres um Deus, conformado, sentiste
O que esses seios vãos não tinham, — o calor,
E dentro um coração a palpitar d'amor!

(Pequeno silêncio, durante o qual Melissa, de cabeça baixa, fica a olhar o chão vagamente)

AGAMEDES

Melissa, o que é que tens? Como o cego erradio
Reconhece pelo ar que vai chegando a um rio,
Assim, pela tua voz, pressinto funda mágoa
Na tua alma. Quais céus anunciando água,
Assim os olhos teus se ensombram...

MELISSA *(com voz débil e triste)*

Nada tenho...

AGAMEDES

Não, tu tens qualquer coisa... Há dias que te estranho.
Acaso não será de Cármis a saudade?

MELISSA *(como se a picassem)*

Por Zeus, não digas tal!

Saberás a verdade!

Há dias que, a fugir de ti, soluço e gemo,
Presa de incrível dor...

AGAMEDES

Porquê, Melissa?

MELISSA

Tremo,

Tremo só de pensar que a amas mais que a mim!

AGAMEDES
A quem, Melissa?

MELISSA
À estátua!

AGAMEDES
À estátua?

MELISSA
Quando vim
Hoje, ao alvorecer, para dar-te os bons dias,
Sofrendo um temporal de íntimas agonias,
A agonizar d'horror, surpreendi-te a beijá-la!

AGAMEDES
Melissa...

MELISSA (*sem o ouvir*)
Tens razão. Sim! tu deves amá-la,
Amá-la, meu amor, bem mais que a mim, pois ela
E* mais bela do que eu, cem mil vezes mais bela!
E não lhe quero mal, ao teu gelado encanto,
Amor do meu amor! Se choro tanto e tanto
É por ver feitos pó os meus áureos desejos,
Por ver, pobre de mim! que os teus cálidos beijos,
Brilhantes como soes, e brandos como luas,
Beijos que eram só meus, agora são de duas,
Que lhe dás os do amor, e a mim os da piedade!

AGAMEDES
Mas sossega, Melissa, e ouve, por caridade!

MELISSA
Tens razão, tens razão! Invejo-lhe o destino,
E aquele ar que eu não tenho, olímpico, divino,

Aquela placidez divinamente branca!
Agamedes, meu bem! rasga o meu peito, arranca
De lá meu coração, que tanto e tanto sofre,
Mete-o dentro da estátua, assim como num cofre,
E quando a fores beijar, tu, que por ela almejas,
O triste pulsará, julgando que me beijas!
Quiseste retratar-me, amor, mas ao modelo
Sobrepuseste, insciente, o sonho vago e belo
Da tua alma sem par. Não fui modelo, não!
Vias teu sonho e não a mim! Na tua mão
Fui o que a lira é na mão do tocador!
E à proporção que a estátua aumentava em esplendor,
De Cípris tendo a graça, e o ar calmo d'Ateneia,
Cada vez, cada vez me achava eu mais feia!
Teu amor me vestira um dia de beleza
E sem me veres a mim, do teu culto surpresa,
Em mim vias, — engano abençoado e doce! —
Aquele ser que tu desejaras que eu fosse...
Porém, lavrando a pedra, aos poucos me despias
Das mesmas perfeições que em luminosos dias
Me deras com paixão, e que eu achava agora
Despontando, quais flores, na estátua encantadora.
Desfeando-me a mim tornava-la mais bela!
Despojando-me a mim e enriquecendo-a a ela,
Ficou sendo o que eu era a estátua alvinitente,
E eu apenas fiquei o que sou realmente!
Assim, vendo-a acolá, aflita e lastimosa,
Sinto a dor que retalha a atraçoada esposa,
Se da loira rival sobre a garganta nua
Fina medalha vê que em tempo já foi sua!

AGAMEDES

Mas ouve-me, e sossega um instante, desvairada!

MELISSA

Já não me tens amor, tens dó de mim, mais nada!
Rompe a chorar convulsamente.

AGAMEDES (*acarinhando-a*)

Beijava-te, meu bem, beijando a estátua fria!
Beijei-a, meu amor, como beijei um dia
O espelho circular, de bronze, onde te miras,
Como um dia bebi a água de safiras
Do lago à flor do qual, batida pela aragem,
Desbotava e tremia, airosa, a tua imagem...
Desde a hora em que a vi, vejo a tua beleza
Dispersa a palpitar por toda a natureza!
Se é tão brilhante o sol que aquece e doura o mundo,
É porque o doura e aquece o nosso amor profundo;
Se estão no curvo azul tão vivas as estrelas,
É porque, meu amor, olhaste para elas;
Se exalam tanto aroma as flores da primavera,
É porque as lindas flores estão à tua espera;
Se é tão doce o arrulhar da rola em seus adejos,
É porque ouviu na sombra a voz dos nossos beijos!
Tua beleza, amor, deslumbrante, infinita,
Que a exaltação acalma e a mansidão agita,
Que enterrecera leões e brancas penedias,
Que aos mais cobardes dera épicas valentias,
Não cabe no teu corpo alvo, fino e ligeiro,
Fulgurando irradia e enche o universo inteiro!

MELISSA

Em tudo o que te cerca, amigo, vês apenas
Meus olhos, minha voz, meu corpo d'açucenas;
Vês-me no céu azul e achas em mim o céu,
Espalhas-me pelo mundo e o teu mundo sou eu!
No seu egoísmo atroz, o amor que me endoidece
Só quisera, porém, que tudo percesse,
Que a hiena e o rouxinol, desertos e cidades,
Sombras da noite e matutinas claridades,
Mansos rios, vulcões, florestas e campinas,
Homens, profundos mares e estrelas diamantinas,
Tudo em pó se fizesse, e que o mundo depois

Ficasse reduzido apenas a nós dois!
Então sim! Então sim! Todo te possuirá!
Então foras só meu, só meu! Então sentira
Que ninguém me roubava, ó luz que me alumias!
Não tendo mais que olhar, só p'ra mim olharias!
Não havendo mais flores, então não compararas
Meus alvos seios nus às anémonas raras,
Aos lírios virginais e aos cândidos jasmims!
Morto o vento fugaz, da brisa dos jardins
Não chamarias gêmeo ao meu hálito doce!
E como toda a luz no céu extinta fosse,
Não irmanaras, tu que a amar-me te desvelas,
Meus cabelos ao sol, meus olhos às estrelas!
Tendo-me só a mim, com deslumbrado amor
Em mim acharás tudo, a luz, o aroma e a cor!
(Apoiando-se ao ombro de Agamedes)

O amor que te consagro e aquele que me votas,
Como efegos gentis mergulhados no Eurotas,
Podem medir-se bem no estádio da nossa alma,
Sem que um fique vencido e o outro obtenha a palma.
Na força imensa iguais, iguais na lealdade,
Irmãos pela constância, e irmãos pela insaciedade,
Buscando o mesmo ideal, cegos pelos mesmos brilhos,
Com anciãs desiguais, vão por diversos trilhos!
Enquanto, amado meu, deixando de me ver,
Me espalhas pelo mundo, e encontras o meu ser
Em tudo quanto vês no caminho onde vais,
Eu só te vejo a ti, ceguei p'ra tudo mais!
Na loucura fatal que há tempos te domina,
Não queres ver o clarão, mas o que ele ilumina!
Mais doce do que a lua é para ti o luar!
Qual namorado és, amigo, que em lugar
De correr para a voz corresse para o eco!

AGAMEDES

Sim! porque a voz morreu... mas do cômodo seco
Seu fantasma reflui; e sendo a voz tão linda,

Tão cheia de ternura e de bondade infinda,
De promessas leais e argentina fluidez,
Uma lástima fora ouvi-la uma só vez!

MELISSA

Agamedes, como eu te amo e como eu quisera
Ser muito pequenina, ainda mais do que era
Quando à vida cheguei! Eu, cuja ansiosa boca,
Se me beijas os pés, fica a chorar-se louca,
Eu, cujo dorso treme em doloridas linhas,
Se com dedos de luz a testa me acarinhas,
Como eu quisera ser miudinha!

AGAMEDES

Que desejo!
De que tamanho então?

MELISSA

Do tamanho dum beijo!

AGAMEDES

Dum beijo? E para quê?

MELISSA

Para que, mais ditosa
Do que Diana, ao entrar na gruta misteriosa
Do belo Endimião, em passadas sutis,
Para que, mais feliz, mil vezes mais feliz
Do que Tétis depois da celebrada boda,
Com um só beijo, um só! tu me beijasses toda!

AGAMEDES

Sabes como eu te adoro e sei quanto me adoras:
Não ensombremos pois as perfumadas Horas,
Que, ao passarem por nós no chão da mesma estrada,
Param para nos ver, e com a frente voltada
Ficam tempos sem fim a olhar-nos, minha flor...

Amemo-nos! porém, sem refletir no amor!
Se a agua é fina, que importa o penhascal que a deita?
Rude o tempo achará quem o desaproveita:
Beijemo-nos, receando as suas represálias...

MELISSA

O tempo, dizes bem, tem asas nas sandálias...
Beijam-se e abraçam-se longamente.



CENA II

Os mesmos e Anacreonte.

(Entrando pela porta do fundo Anacreonte estaca ao ver Agamedes e Melissa ainda abraçados, e só avança quando eles se desençam)

ANACREONTE

Bem fiz eu em cá vir! Há dias que não ouço
Senão lamentações e gritos d'alvorço,
Profecias fatais e adeuses compungidos...
Aqui, pelo contrário, estreitamente unidos,
Vós dois dizendo estais, quebrados de ternura,
Que não é um sonho só neste mundo a ventura,
E que, se um sonho é, levando o Amor ao lado,
É um sonho encantador que se sonha acordado!

MELISSA

Sê bem-vindo!

ANACREONTE *(recuando um passo ao ver a estátua)*

Que vejo? Assombro! Maravilha!
Treme, Deucalião! Um mortal, nesta ilha,
Dos teus feitos repete agora o mais famoso,
Fazendo duma pedra um ser vivo e gracioso!

(Para Melissa)

Ah! que feliz tu és, Melissa, em ter um amante

Como tens! A agua quieta e o espelho cintilante
Não refletem melhor tua nudez d'estrela:
Olho-a e vejo-te a ti, olho-te e vejo-a a ela!

AGAMEDES (*para Melissa*)

Ouves?

(*Para Anacreonte*)

Melissa diz que a aformoseei...

ANACREONTE (*para Melissa*)

Cegaste?

Não é a tua irmã, és tu! A mesma haste

Não produz duas flores tão iguais!

Se não fora

O luto que me cobre o coração agora,
A Cípris, mãe do Amor, um hino compusera,
Um hino triunfal, cheirando a primavera,
Que as virgens mais gentis de Samos, coroadas
De lírios, de açafão e anémonas geladas,
Grinaldas balouçando ao compasso das ondas,
Cantariam à estátua em balouçadas rondas...

Mas ai!

MELISSA

Queres beber?

ANACREONTE (*com tristeza*)

Não!

MELISSA

Já não te conheço!

Anacreonte enjeita o vinho que lhe ofereço,
Ele que sempre está pronto a rir e a beber?

ANACREONTE

Pois beberei! Mas hoje é só para esquecer...

MELISSA (*enchendo uma taça*)
Que linda cor que tem!

ANACREONTE
Basta!

MELISSA
Só isto?

ANACREONTE
Só.

(*Molha de leve os beijos no vinho e devolve a taça a Melissa*)

AGAMEDES
Conta-me o que é que tens.

ANACREONTE
Polícrates lançou,
Como sabido é, um anel precioso ao mar,
Crendo que o Olimpo assim, vendo-o sacrificar
Essa joia a que tinha um tão cordial apego,
O deixaria em doce e constante sossego
Gozar de todo o resto...
Alguns dias andados,
Desponta um pescador, que nos braços crestados
Pela guieira e pelo sol, conduz, suando, um peixe
Iriado, colossal. — *Permite que aqui deixe,
Diz o lobo do mar, o este prodígio. Nunca
De Samos no areal, que tanto peixe junca,
Se viu um peixe assim: repara, como é belo!
Polícrates, só tu é que deves comê-lo!*
Polícrates, que é sempre um magnânimo amigo,
Aceita a oferta e diz: — *Comê-lo-ás comigo,
Comigo jantarás!* E pegam conversando
Em naus, navegações e pesca... Eis se não quando,
Entra o uchão, a dizer em alta gritaria:
— *Olhai, no bucho o peixe esta joia traria!*

Abre a mão: era o anel, o anel que tinha sido
Arremessado ao mar!
Trêmulo e comovido.

Polícrates o beija e no dedo o coloca,
Chegando-o, p'ra o beijar, vezes sem conta a boca.
No palácio rompeu então alto bulício!
O Olimpo recusara o duro sacrifício,
E, devolvido o anel a Polícrates, nós,
Quantos éramos lá, bem ouvimos a voz
Dos Deuses, trovejando em furor sibilino:
— *Guarda, infeliz, o anel! Não se foge ao Destino!*

Dessa voz escutando a retumbante ameaça,
Vendo, negras, pairar mil aves de desgraça
Naquele áureo salão, tão sumptuoso e lindo,
Onde até sob os pés as gemas se estão rindo,
Ficamos a tremer, quais se o gelo das calmas
Cumeeiras do monte Ida entrara em nossas almas.
Mas Polícrates, esse à voz divina surdo,
Achando natural aquele excesso absurdo
De ventura, que o anel perdido lhe trazia,
Crendo-se mais que um deus, mirando o anel, sorria.

AGAMEDES

Tudo isso ouvira eu já; mas à força de estranho,
Não me canso de o ouvir mais vezes...

ANACREONTE

Ouve, tenho
Muito que te contar. Inda não se apagara
A surpresa e o terror causado pela rara
Reaparição do anel, e festas e banquetes
Seguiam-se joviais, aparece de Oroetes,
Que hoje vive em Magnésia e é Sátrapa dos sardos,
Um moço embaixador, galhardo entre os galhardos.
A que vem? A pedir o auxílio do tirano
Contra Cambises, rei potente e desumano.

De tal auxilio em paga, Oroetes jura dar
A Polícrates, se este à guerra o acompanhar,
Metade do que tem, acrescentando, aceso
Em vaidade, possuir tanto ouro como Cresos!
Colhido pela ambição, Polícrates não escuta
Os amigos, como eu, que em porfiada luta
Receando que a proposta encubra uma armadilha,
O aconselham, leais, a não sair da ilha.

AGAMEDES
Uma armadilha?

ANACREONTE
Sim. Oroetes, que é soberbo,
Deve magoado estar pelo desprezo acerbo
Com que o nosso tirano há tempos acolheu
E despediu calado um mensageiro seu.
Polícrates, porém, não me atende, iludido
Pela proposta fatal...

AGAMEDES
Dizem que um seu valido,
Um tal Meandro, foi ver se o Sátrapa na Lídia
Possuía o que dissera, ou se pérfida insidia
Sob áurea sedução andava cavilando...

ANACREONTE
Foi, é certo; e o pior é que voltou, contando
Com seus olhos ter visto anchas arcas repletas
D'ouro fino, arrancado ao Páctolo, em palhetas.

AGAMEDES
E o que pensa fazer Polícrates?

ANACREONTE
Agora,
Insensível aos ais da filha encantadora,

Que o beija numa dor tão funda corno vã,
Ansiosamente espera o dia d'amanhã,
Para, mais uma vez desafiando a Sorte,
Partir...

AGAMEDES
P'ra Sardos?

ANACREONTE (*com amargura*)
Sim... ou talvez para a morte!
Vou-me... Adeus!

MELISSA (*prendendo-o pela túnica*)
Não te vás!

AGAMEDES
Fica!
MELISSA
Cearás conosco!

ANACREONTE
Já demais ensombrei com meu espírito fosco
A vossa felicidade. Hoje, que vos diria
Senão coisas fatais, impróprias da alegria
Deste ninho d'amor? Hoje, a vida maldigo,
Vendo que se escancara um abismo aos pés do amigo
Que sempre me tratou com fraterno desvelo...
Quero com ele estar, talvez não torne a vê-lo!

AGAMEDES
Vai! Mas triste ou jovial, assim me ajude Zeus,
Serás sempre bem-vindo, ó rouxinol de Téos!

ANACREONTE
De Téos o rouxinol transformou-se em coruja!
Seu mudado cantar não adoça, amaruja...
Amanhã voltarei...

Encaminha-se para a porta.

AGAMEDES

Não te esqueça o que dizes...

MELISSA

Não nos faltas, vê lá!

ANACREONTE (*voltando-se para traz e fazendo um gesto de despedida*)

Vós é que sois felizes!



CENA III

Agamedes e Melissa.

AGAMEDES (*sentando-se, pensativamente, sobre um bloco de mármore*)

Felizes?

MELISSA (*aproximando-se de Agamedes e beijando-o nos cabelos*)

Eu por mim sou felicíssima!

AGAMEDES

E eu

De tal modo feliz, que até em mim nasceu

O assombrado terror de ser feliz demais!

Tremo que olhem p'ra nós os deuses imortais!

MELISSA

Turba-me o teu falar! Não me disseste há pouco,

Luz do meu coração, que era próprio dum louco,

Mas dum louco varrido, alhear-se, pôr-se a gente

A pensar no futuro, esquecendo o presente?

Não taxaste, meu bem, de puro desatino,

Que alguém tente desviar os golpes do Destino?

AGAMEDES

Assim foi, meu amor: mas devo confessar-te
Que a aventura do anel, desse prodígio d'arte
Arremessado ao mar e pelo mar devolvido,
Me faz pensar em nós, taciturno e abatido...

Amásis tem razão...

Fortuna que ultrapassa

Comedido limite é uma divina ameaça!

(Pequena pausa)

O pio camponês dirige-se à manada
E escolhe entre as demais a vitela malhada,
Saltadora e gentil, de rosado focinho,
Cujo sangue em cachão, misturado com vinho,
Há de em breve correr sobre a pedra do altar.

A amedrontada rês, deixando-se apartar,
Percebe que o aldeão com dedos indolentes
A afaga e lhe dispõe nos cornos incipientes,
De narcisos de neve um cheiroso festão...
E logo, ei-la a mugir com terna gratidão,
Tal a moça rendida às carícias do amante,
Ignorando, infeliz! que essa mão afagante,
Que essa mão que lhe bate em macio compasso,
Breve lhe há de embeber a choupa no cachaço!

O Destino é o aldeão e nós a rês singela...
Quando virmos sorrir o Destino, cautela!
Deve vir perto a dor, se nos roça o prazer,
E a desdita a miúdo, ai de nós! quando quer
Nossa taça rasar das mais cruciantes dores,
Embuça-se, a cruel, num manto d'alvas flores!

MELISSA

Sentes-te, dize, então feliz em demasia?

AGAMEDES

Pois não és minha amante? A dourada ambrósia
É fel, talhante fel, se a comparo à doçura

Do nosso grande amor... Os deuses lá na altura
Podem ciúmes ter de mim. Devo acalmá-los!

MELISSA
Como?

AGAMEDES
Pelo sofrimento. Imolando os regalos,
Que o meu sonho d'artista ainda há pouco me dava,
Dizendo o último adeus à Glória que acenava
Por mim com áurea voz, das eras porvindouras;
Lançando, tristemente, às ondas gemedoras
A maceta e os cinzéis, irmãos que eu estremecia;
Jurando nunca mais lavar a pedra fria
Na anciã de criar excelsas maravilhas,
E fazendo afinal a tua estátua em estilhas!

MELISSA (*aterrada*)
Acaso enlouqueceste?

AGAMEDES (*desvairadamente*)
É certo, enlouqueci,
Enlouqueci d'amor, d'amor, d'amor por ti!
Enlouqueci, meu bem, e quero viver louco,
Quero louco morrer!

MELISSA
Ouve, sossega um pouco...

AGAMEDES
Sossego? só depois de destruir a estátua...
Fora uma presunção ingenuamente fátua
Querer possuir a um tempo a Glória eterna e o Amor í
E o castigo depois? Bem mais viva que a dor
Que se faz anunciar, da qual se está à espera,
É a dor que de surpresa as almas dilacera.

MELISSA

Partir a estátua! Não!... Peço-te, suplicante...

AGAMEDES

O artista há de morrer para salvar o amante!

(Silenciosos, com as frentes abatidas, os dois amantes encaminham-se para a vinha)



QUARTO ATO

O mesmo cenário dos dois primeiros atos.

CENA I

Anacreonte e Melissa. À volta dum passeio, Anacreonte e Melissa entram vagarosamente pela esquerda.

MELISSA (*parando*)

Quando vais?

ANACREONTE

Amanhã.

MELISSA

Não nos deixes ainda,
Fica alguns dias mais.

ANACREONTE

Não posso, minha linda.

De Híparco a esbelta nau que há de levar-me a Atena
Já cansa de me esperar nestas águas serenas,
Deserta por voltar ao natalício porto.
É forçoso partir! Além disso estou morto
Por deixar sem demora esta ilha, onde tudo,

Tudo o que dantes ria e agora é carrancudo,
Por onde quer que eu vá, me recorda, ai de mim!
Polícrates e o seu calamitoso fim!
Polícrates! Que horror! Que desgraça! É medonho!
Nem posso crer em tal! Parece-me isto um sonho!
Polícrates, o sábio, o sumptuoso, o altivo,
D'Oroetes pela traição, crucificado vivo!
(*Exaltando-se*)

Eumênides fatais, ó cruéis vingadoras,
Não espereis que Oroetes desça às plagas rugidoras
Do Tártaro, onde estais; vinde, vinde, inclementes,
À terra, sacudi látegos de serpentes,
Fustigai-o sem dó, tirai-lhe os olhos vis,
E levando-o afinal em vossas mãos hostis,
Tão hábeis em criar torturas inauditas,
Prendei-o à roda bem, de Íxion, rei dos Lápitais!
(*Para Melissa, acalmando-se*)

Vê no que deu o mel dos meus cantos d'amor,
No que o meu riso deu!

MELISSA

É justa a tua dor!
Mas se ficasses mais uns dias...

ANACREONTE

Não, não posso...
Abafo, morro aqui! Um cruel alvoroço
Me abala todo o ser! Esta ilha encantadora
Onde fui tão feliz, quase que a odeio agora,
A ela e ao povo seu, povo sem coração!
Lícaspis sentiu mais a morte do seu cão
Do que a do seu senhor! Bátilo a mesma coisa!
E Símalos, ouvindo a notícia horrorosa,
Nem sequer adiou, alma de seixos, fria,
A ceia que mandara arranjar nesse dia!
Eurípila, a venal, em vez de partilhar
Minha amargura atroz, deixou-se cativar

Pelas dracmas infernais de Lícon de Mileto,
E uma noite passou com esse bode abjeto!
De Polícrates chora a filha e choro eu,
Folgam todos os mais. Ao deixar este céu,
Saudades, levo-as só de ti e de Agamedes...

MELISSA

Mas fica um dia mais, só um!

ANACREONTE

O que me pedes,
Não to posso fazer.

MELISSA (*amarguradamente*)

Vais-te, partes daqui

No momento em que eu mais precisava de ti!
Amigo, pois não vês como Agamedes anda
Desde que ouviu contar a traição execranda
D'Oroetes? Ele que era atrevido e valente,
De medroso parece uma donzela doente!
Tudo o assusta: se vê na esmeraldina alfombra
Um lagarto a fugir ou dum pássaro a sombra,
Logo ali se detém, ficando cor de cidra,
Qual se vira de Lerna a pavorosa hidra.
Chicoteado pela mão dum sofrimento enorme,
De dia não trabalha e de noite não dorme;
Vê-me e foge de mim como dum inimigo,
E há uma década já que não dorme comigo!

ANACREONTE

Está bem mudado, está...

MELISSA

Só tu, Anacreonte

Poderás afastar a nuvem dessa frente,
Só tu, amigo meu, com tua voz amiga
Podes reconduzi-lo à doce paz antiga!

Não! não te vás daqui sem que primeiro a esperança,
Como dantes, lhe doire os lábios de criança,
Sem que um raio de sol extermine seus lutos,
Sem que os seus olhos leais, acalmados e enxutos,
Como profundos céus cheios de meteoros,
Voltem a olhar meu seio e meus cabelos louros.

ANACREONTE

O tempo limpará o céu, das nuvens negras...
(*Voltando-se para a esquerda e avistando Agamedes ao longe*)
Lá vem ele, acolá...

MELISSA (*retirando-se*)
Fala-lhe, vê se o alegras....

(*Melissa vai esconder-se furtivamente entre as alfarrobeiras e os ciprestes que ficam à direita da casa*)



CENA II

Anacreonte e Agamedes. Escondida entre as árvores, Melissa escuta com amarga atenção o diálogo seguinte.

ANACREONTE (*dirigindo-se a Agamedes que entra pela esquerda, completamente desfigurado, excessivamente pálido*)

Desde o romper do sol que ando à tua procura!
Dize, donde é que vens?

AGAMEDES

Não sei! Minha amargura,
Enleando-me, feroz, com truculentos braços,
Nem me deixa atentar na senda dos meus passos?

ANACREONTE
Dormiste em casa?

AGAMEDES

Não. Sob inflamado açoite,
Passei a noite imensa a vaguear, toda a noite!

ANACREONTE

E assim deixas, cruel, Melissa, a pobrezinha,
Aguardando-te em vão no seu leito sozinha!

AGAMEDES

Não deves condenar-me antes de ouvir-me! Escuta:
Há longos dias já que ando em danada luta
Comigo mesmo, fraco e miserável ser,
Que não faço o que devo...

ANACREONTE

E o que pensas fazer?

AGAMEDES

Partir a estátua!

ANACREONTE

Não! Pelos deuses, te conjuro!
Quando por um cristal visses o teu futuro,
Ou da Sibila a voz to houvesse revelado,
Nem assim, por maior que fosse o teu cuidado,
Deixaras de encontrar, alta, fria e severa,
À hora anunciada, a dor que te coubera!
O Édipo, o desgraçado, o cego rei tebano,
Baldadamente ouviu o oráculo inumano,
Que lhe falou em voz travosa como o absinto!
Acautelou-se em vão, em vão deixou Corinto:
Mal na Fócida entrou, foi logo parricida!
E depois de explicar, da Esfinge emudecida
O mistério fatal, com esperteza nefasta,
Incestuoso entrou no leito de Jocasta!
Não se foge ao destino, amigo!

AGAMEDES

Tens razão...

Mas Nêmeses não traz um côvado na mão
P'ra medir a fortuna, e um facho que irradia
Para queimar quem for ditoso em demasia?

Acaso, meu amigo, acaso te esqueceste
Do estrondo com que há pouco a cólera celeste
Caiu, como brutal, ciclópica montanha,
De Polícrates sobre a felicidade estranha?
E eu que sou mais feliz que Polícrates foi,
Hei de os braços cruzar?

ANACREONTE

O verdadeiro herói,

Se respeita piedoso os deuses, não nos teme:
Afagam-no? Não ri... Trucidam-no? Não geme,
Esperando, sem um tremor nos olhos indiferentes,
Que o venham coroar de flores ou de serpentes!

AGAMEDES

Mostras, falando assim, não conhecer Melissa!
Se soubesses os dons com que ela me enfeitiça,
Inda acharias pouco, ó meu dileto amigo,
Quanto faço e farei, para ver se consigo
Que o destino cruel ma não roube!

Ontem, quando

Entrei na sua alcova, achei-a dormitando...
Tão linda a vi então, que, vendo no sobrado
Uma pluma ligeira e branca, deslumbrado,
Quedei-me a perguntar se essa pluma seria
Das asas duma pomba ingênua e fugidia
Ou das asas do Amor, que, em lânguida surpresa,
Tivesse estado ali, a admirar-lhe a lindeza!

(Pausa)

Nua como uma rosa, ei-la a sonhar, tranquila...
Sobre a trípode posta, a lâmpada d'argila
Com fixa luz, igual a uma lágrima d'ouro,

Doura a sua nudez... Sob o dilúvio louro
Da cabeleira astral, seu corpo mal se esconde,
Delicioso jardim de primavera, aonde
De momento a momento abre uma nova flor!
Aproximo-me mais...
Sonha e sorri d'amor...
Nos lábios de coral, seu hálito infantil
É branda viração a louquejar sutil
No verde laranjal das Hespérides... Sonha...
Sonha e sorri d'amor... Sorri... Nua e risonha,
Parece-me mais bela!
Abrasado em desejos,
Num doido frenesi, visto-a toda de beijos;
Beijo-lhe o dorso, o colo, a cabeleira espessa,
Os ombros, beijo-a, enfim, desde os pés à cabeça!
No seu corpo gentil minha boca doideja
Como um inseto... não! como a vaga que beija
Uma praia a fulgir... Como vaga amorosa,
A minha boca se espreguiça, amaviosa,
No seu ventre, areal macio, onde com graça
Da púrpura do leito um reflexo perpassa...
Como vaga a cantar em maviosas surdinas
A minha boca sobe às cândidas colinas
Do seu colo de jaspe, e atravessa de leve
Suas pernas de deusa, alvas dunas de neve,
E esquece-se a brincar, ao luar dessa nudez,
Com as conchinhas que são as unhas dos seus pés...
Gemente, aos beijos meus, distende os membros lassos,
Abre os olhos, sorri... aperta-me nos braços,
De cabelos me inunda e beija-me na boca
Com tão doido furor que quase me sufoca!
Mas súbito, que horror! entre os lascivos ais
Que eu soltava, escutei:
— *És ditoso de mais!*
Da divina prisão, gelado, me desprendo,
E levado pela voz desse aviso tremendo,
Colho um martelo então, entro pela oficina,

E pronto a espedaçar a estátua peregrina,
Busco-a, sentindo n'alma as cruciantes penas
D'Agamenon, o rei d'Argos e de Micenas,
Quando ao altar levou, dócil como as ovelhas,
Ifigênia, alva flor de bastas sobranceiras!

Nunca a estátua até ali me parecera tão bela!
Meus olhos, a chorar, cerrei para não vê-la,
O pesado martelo alcei na mão crispada,
E já ia a largar a barbara pancada,
Quando ela me gritou:

— *Olha-me ainda uma vez!*

E eu subjugado olhei-a e caí a seus pés...

(E ela continuou)

Antes que me espedaces,
*Beija-me ainda uma vez; o seio, a nuca e as faces,
P'ra que eu, ébria d'amor, cega de felicidade,
Dos teus golpes depois não sinta a crueldade!
Quem me diria a mim, nas horas fugitivas
Em que lavraste ansioso as minhas formas vivas,
Com ternuras de pai e namorado, então
Quem me diria a mim, que a tua bela mão
Nas carícias, alada, e no trabalho, firme,
Que a mão que me criou viria a destruir-me?
Amante, amas Melissa, artista, tens-me a mim,
E forçado a abdicar diurna de nós, afim
De assegurar da outra a idolatrada posse,
Por hóstia me elegeste!
A tua amante é doce
Como um favo de mel, brilhante como os astros
Que cintilam no azul: vê-la é cair de rastros!
A beleza, porém, de que hoje em dia gozas,
Terá a duração efêmera das rosas!
A deleitosa pele lúcida e penugenta,
Que os lábios teus febris agora dessedenta,
O Tempo a engelhará, dando-lhe o dolorido
Ar dum fruto sem cor, num cofre, envelhecido!*

Borboletas a rir num jardim de desejos,
As suas mãos de prata, enlevo dos teus beijos,
Às quais poetas e reis dariam, por beijá-las,
Odes cheias d'amor, urnas cheias de opalas,
Essas pálidas mãos soberanas e esguias,
Onde cobram mais luz as flores e as pedrarias,
Ostentarão, pedindo esmola, entre alvoroços,
A miséria dos seus desconjuntados ossos!
Sua boca, ilha de luz mais linda que Citera,
Ilha onde estão folgando a Aurora e a Primavera,
E onde a pérola ri junto ao rubim vermelho,
Um poço há de parecer, negro, atulhado e velho!
Mas tu, moço insensato, estas coisas esqueces;
No seio de Melissa a razão adormeces,
E em breve, cego e tonto, aqui imolarás
Minha beleza eterna ao seu viço fugaz!
Eu, que formada fui para aos tempos vindouros
Mostrar, serena e pura, entre apolíneos louros,
Do teu gênio d'artista a excepcional grandeza;
Que sempre mantivera, intacta, esta beleza,
De olimpíadas mil ao convulso roldão;
Destruída serei por tua própria mão,
Pela mão que me criou, que me insuflou a vida,
Destruída serei por ti, ó parricida!
Por ti que assim preferes, com louca ingenuidade,
Uma hora de luxúria à imortalidade!
Destrói-me! Aqui me tens! Mas ouve: ao esculturar-me
De tal maneira em ti, com inspirado alarme,
Refervia a paixão e o gênio, que esse fogo
Toda me penetrou! e, estátua, cri-me logo
Quase, quase mulher! Sob o escopro infalível,
Minha pedra ficou, como a carne, sensível,
E assim, algoz sem alma, abatendo o martelo
Sobre a minha nudez puríssima, de gelo,
Não te espantes se à luz das mil constelações
Vires o sangue jorrar da pedra em borbotões!

Calou-se.
Ia a quebrá-la... Ah! mas nisto, fitei-a:
Pálida e virginal, dava-lhe a lua cheia!
Parecia respirar, aliciar-me e sorrir...
Era a vida, era o amor, era a graça e o florir
Da beleza e da luz!
Doido, fugi-lhe então,
E toda a noite andei a vaguear como um cão!

(Revelando no rosto e na atitude o maior sofrimento, Melissa sai d'entre as árvores, e entra furtivamente em casa, sem ser vista)

ANACREONTE

Sê razoável: poupa a estátua cintilante
E continua a amar sem medo a tua amante,
Livre d'apreensões, como num galho em flor
Uma ave a cantar...

AGAMEDES

Ave a que o caçador
Com frechada mortal, breve, interrompe o canto...

ANACREONTE

Imita o ingênuo arroio...

AGAMEDES

Esse louqueja tanto
Por ignorar o fim que terá; se o soubesse,
Em lugar de correr, talvez se detivesse,
Preferindo com razão morrer ali, de vez,
A ter de ser oceano e de lançar aos pés
De viúvas a chorar, e d'órfãos esfomeados
Restos d'embarcações e restos de afogados!
Quem me dera ser ave e arroio! Não sentira
A crua dor pela qual meu coração delira
Prestes a sucumbir! Fosse eu ave erradia
Ou ribeiro veloz, como então cantaria!

Mas sou homem! Pensando, o futuro me aterra:
Sei que tudo o que cobre e se agita na terra,
De terra, cedo ou tarde, há de um dia cobrir-se,
E que a ventura, irmã da refalsada Circe,
Se nos fecha com a mão os deslumbrados olhos
É para nos lançar num caminho d'abrolhos!
Sou homem, e ainda pior do que isso, namorado!
Namorado infeliz, que ao ver o objeto amado
Cheio de perfeições, que ao desnudar Melissa,
Sentindo-a minha só, dócil, pura e submissa,
Junto, — e funesta dor me abala todo o ser,
Ao gozo de a possuir o medo de a perder!
Ah! que inferno de vida!

ANACREONTE

Estás cansado, amigo;
Se te fosses deitar?

AGAMEDES

Vou... não posso comigo...

*(Agamedes dirige-se tristemente para casa. Anacreonte senta-se
acabrunhado numa pedra)*

CENA III

*Anacreonte e Melissa. Anacreonte levanta-se ao ver Melissa, que aparece
embuçada num peplo branco, orlado de púrpura.*

ANACREONTE

Que quer dizer, Melissa, o traje em que te vejo?
Por que me escondes tu, com silencioso pejo,
Nesse peplo de lã teu rosto, irmão da Aurora?

MELISSA

Adeus!

ANACREONTE

Mas onde vais, Melissa?

MELISSA

Vou-me embora!

(Desembuçando-se, e olhando em torno, inquietamente)

De Samos larga em breve uma nau para Ciro,
Segundo Árquias contou; afogada em suspiros,
Mordido o coração por cem dentes de ferro,
Nessa nau partirei para incerto desterro!

ANACREONTE *(fora de si)*

Zeus! Nem penses em tal!

MELISSA

Irei: não me dissuades...

Nas árvores oculta, em cruéis ansiedades,
Cega d'amor, cega de dor, cega de pranto,
Acabo de escutar, amigo, tudo quanto
Agamedes te disse, e ouvindo-o compreendi
Que nem um instante mais devo ficar aqui!
Se eu não me fosse embora, em breve, qualquer dia,
Sua convulsa mão, doida, destruiria,
Crispada de furor, a minha estátua bela,
E eu ficaria sendo... a triste sombra dela!
Depois, como lhe disse a estátua, ontem à noite,
Fustigado sem dó, dos dias pelo açoite,
Meu corpo d'âmbar perderia, a pouco e pouco
Toda a graça e frescor que o fazem por mim louco,
E a sombra que eu seria, em crescente amargura,
Cada vez, cada vez ficara mais escura!
Não, não devo ficar!
Indo-me neste instante
Bela como ainda sou, sempre bela e radiante,
Como um astro brilharei aos olhos da sua alma,
E a estátua glacial, a estátua muda e calma,

P'ra Agamedes será em noites de tristeza
O eco branco da minha exilada beleza!
Parece o bem maior se vimos a perdê-lo,
E assim, num sonho triste e saudoso mas belo,
Mais bela me verá, ainda com mais amor!

ANACREONTE

Terás razão, não sei...
Mas atenta na dor
Que o pobre sofrerá sabendo que partiste...
Peço-te que não vás... Não vás! Anda tão triste...

MELISSA

Por vê-lo assim tão triste é que eu me vou! Receio
Vê-lo mais triste ainda!
Em meu dorido seio,
Onda que vai estalar, pulsa-me o coração
Como nunca pulsou, doido de comoção,
Ao sentir que me vou destas sombras discretas
Onde as Horas a rir pareciam borboletas!
Cada pedra no chão, cada cepa na vinha
E cada arbusto era um amigo que aqui tinha,
E ainda mais que um amigo, um terno confidente,
Que dele me falava... Aos raios do poente
Se pelo jardim em flor me aventurava só,
Dizia-me um loureiro: — *Onde é que ele ficou?*
Mais abaixo, na vinha, um pâmpano viçoso
Acenando por mim, gritava malicioso:
— *Foi aqui, aqui foi que ele, em risada louca,
Um bago te roubou que já tinhas na boca!*
Mais adiante uma pedra exclama: — *Aqui, um dia,
A sandália ao compor, que do pé te fugia,
Apertou sobre mim o teu corpo celeste
Que impresso cá ficou no musgo que me veste!*
Esta casa, este céu, a vinha e aquele mar,
Tudo me fala dele, e tudo eu vou deixar,
Para que tudo, céu e mar, vinha e jardim,

Numa uníssona voz só lhe falem de mim!

ANACREONTE

Sabendo que te foste, em fúria repentina
Ao mar se deitará, se a dor o não fulmina!

MELISSA

A dor que há de sentir, sabendo que me fui,
Poupa-lhe outra maior!

ANACREONTE

Ai dele! nem possui
Ao menos uma irmã benévola e fagueira...

MELISSA

Serei constantemente a sua companheira!
Quanto mais longe andar, mais perto andarei dele!
A luz dos olhos meus e o aroma desta pele
Nunca mais, adoçando as suas agonias,
Deixarão de alumiar e embalsamar-lhe os dias!
A ondazinha do mar, soerguida em cauto anseio,
De longe há de lembrar-lhe o meu tímido seio,
Dupla taça de mirra e lácteas claridades;
Meus olhos cor do céu lhe mandarão saudades
Pelos lagos vesperais d'águas glaucas e cérulas;
Pela voz do rouxinol, chamá-lo-ei com pérolas;
Meus cabelos de luz, derramados pelo sono,
Nas árvores verá, quando as dourar o outono;
E assim, fuzile o sol, ou resplandeça a lua,
Sempre ele me terá, meiga, radiosa e nua,
Vivendo no presente as horas do passado!
Deixo-o e com ele vou! Vou-me e fico a seu lado!
(Reprimindo o choro que a sufoca)
Adeus, Anacreonte! Adeus, risonhos céus,
Onde aprendi a amar!

(Parte)

ANACREONTE (*procurando detê-la*)
Melissa!

MELISSA (*fugindo*)
Adeus! Adeus!



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com